

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

OS FEMININOS POÉTICOS E OS POÉTICOS FEMININOS : *Imagens
de mulheres analisadas pelas páginas do jornal A República [1916-1925].*

Ivonaldo Miranda de Lima



Natal/ RN, 2005.

IVONALDO MIRANDA DE LIMA

**OS FEMININOS POÉTICOS E OS POÉTICOS FEMININOS : Imagens
de mulheres analisadas pelas páginas do jornal A República [1916-1925]**



Monografia apresentada à disciplina
Pesquisa Histórica II, ministrada e
orientada pelo professor Dr. Durval
Muniz de Albuquerque Júnior.

Natal – RN , 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

OS FEMININOS POÉTICOS E OS POÉTICOS FEMININOS : *Imagens*
de mulheres analisadas pelas páginas do jornal A República [1916-1925].

Ivonaldo Miranda de Lima

Orientador : Prof . Dr. Durval Muniz Albuquerque Júnior.

COMISSÃO EXAMINADORA :

NEB Silveira



NATAL, 17 DE Janeiro DE 2005.

À minha querida mãe Maria Miranda, pela
dedicação e paciência que me depositou,
sempre me guiando nos caminhos da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, pela sinceridade, competência e paciência com que olhou a realização deste trabalho, atenciosamente agradeço todos os momentos em que esteve pronto para me ouvir e sugerir melhoras vitais nas definições e construção desta pesquisa; sua atuação enquanto orientador /educador foi uma experiência singular, que será lembrada sempre.

A professora Francisca Aurinete Girão Barreto pelo exemplo de educadora e amiga de todos, fica sugerido que suas atitudes enquanto coordenadora, representam a dignidade de seu caráter e competência na profissão que exerce.

A Lúcia funcionária do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, por vezes, ter me recebido sempre com atenção, mesmo num momento em que a pesquisa tinha apenas uma "vaga" possibilidade de existir.

A Alessandra Arruda, amiga que esteve ao meu lado neste momento por vezes de dúvidas, sua sensibilidade e apoio me ajudou a superar barreiras, pessoais e acadêmicas.

“ Vivem somente os que lutam !”

[Victor Hugo] .

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
01- ESCRITORAS, POETAS E ATRIZES : Surgem as mulheres que escreviam no <i>A República</i>	16
02-SER POETA, SER BELA, SER O “ANJO DO LAR” : Os escritos femininos definem imagens de mulheres	37
03-SER ESPOSA , MÃE E DONA DE CASA : Os escritos masculinos definem imagens de mulheres.....	68
CONCLUSÃO.....	99
FONTES.....	103
BIBLIOGRAFIA.....	104
ANEXOS.....	107.

INTRODUÇÃO

Conhecer as análises formuladas acerca da imagem das mulheres na historiografia brasileira significa refletir sobre sua trajetória na história. Empreender esse tipo de estudo é também conhecer a história dos excluídos, uma vez que a mulher – assim como os negros, os homossexuais etc. – sempre foi colocada à margem da história, recebendo um tratamento estereotipado e aparecendo, freqüentemente, como mera coadjuvante. Assim, buscar identificar o lugar das mulheres dentro do processo histórico, representa também fazer uma história dos silêncios ou, pelo menos, tentar trazer à luz os discursos que foram silenciados.

Sabe-se que o fazer histórico é, antes de tudo, um desafio para o historiador. As fontes com as quais nos deparamos, e que tentamos analisar, muitas vezes, apresentam problemas quanto à veracidade ou mesmo quanto à relevância. Por isso, é necessário que o historiador esteja atento ao selecioná-las. Além disso, é preciso um esforço para não deixar que nossa visão de mundo, nossos gostos e nossas predileções interfiram na análise, isto é, é preciso tentar uma certa imparcialidade, ainda que estejamos conscientes de que a imparcialidade absoluta não pode ser alcançada.

No decorrer da pesquisa percebemos que as mulheres aparecem na história, mas, na maioria das vezes, apenas como espectadoras, isto é, elas estavam presentes sim, mas não em destaque, não como protagonistas.

Mary Del Priore, ao analisar o pensamento de Simone de Beauvoir, chama atenção para a sensibilidade literária e o acentuado saber histórico da historiadora francesa. E procura mostrar o lugar da mulher na história afirmando que

As mulheres não tinham história, não podendo, conseqüentemente, orgulhar-se de si próprias. Ela dizia ainda que uma mulher não nascia mulher, mas tornava-se mulher. Para que isto acontecesse, ela deveria submeter-se a um complexo processo, no seio de uma

construção histórica cujo espírito determinaria seu papel social e seu comportamento diante do mundo¹.

Quando nos propomos a repensar o papel das mulheres na história, no saber histórico e na historiografia, devemos atentar para os vários conceitos, assim como para os estigmas sociais elaborados acerca do feminino que foram se formando ao longo da história. Toda reconstrução a ser feita da história das mulheres deve respeitar o caráter múltiplo de se pensar as mulheres e sua condição na história, uma vez que assim como as interpretações históricas podem ser várias, também as mulheres são múltiplas, diferentes, divergentes, heroínas ou marginais. Para tanto é preciso pensar “para que serve a história das mulheres? E a resposta viria simples: para fazê-las existir, viver e ser”².

A análise dos textos, que revelam a figura do feminino que aparecia entre as décadas de 1910 e 1920 nas páginas do jornal *A República*, em Natal, no Rio Grande do Norte, nos prepara para a surpresa diante dos documentos. Os discursos moralistas dessa publicação constantemente se dirigiam às mulheres lhes indicando normas de conduta ética e a função social que deveriam assumir: o papel de mãe, esposa, dona de casa. Segundo esse discurso, as mulheres, ao se casarem, deveriam assumir a função de “rainha do lar”, sufocando seus desejos de seguir uma carreira profissional ou ocupar cargos que lhes conferisse alguma realização pessoal. Assim, segundo a concepção da época, as mulheres deveriam ocupar-se apenas das tarefas domésticas ficando, dessa forma, presas aos ditos espaços privados.

No entanto, não era apenas a imprensa que divulgava esse ideal de mulher, também na historiografia é possível encontrar discursos que acabam excluindo a mulher de uma participação

¹ BEAUVIOR, Simone de apud PRIORE, Mary Del. História das mulheres. As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 217

² *Ibid.*, p. 235

efetiva no processo histórico. Ao tratar da imagem que se atribuiu à mulher ao longo da história, Norma Telles destaca os estigmas que surgiram em torno da figura do feminino, afirmando que

[...] o discurso sobre a “natureza feminina, que se formulou a partir do século XVIII e se impôs à sociedade burguesa em ascensão, definiu a mulher, quando maternal e delicada, como força do bem, mas quando ‘usurpadora’ de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como potência do mal”³.

As dicotomias anjo/demônio, anjo do bem/anjo do mal, frágil/forte, passiva/ativa, quase sempre perseguiram as mulheres e serviu para classificá-las como um ser que deveria possuir em suas ações a flexibilidade de se acomodar e de se moldar a um ideal imposto pela sociedade. Esse ideal consistia, sobretudo, no dever de ser forte para cuidar do lar, dos filhos e do marido e, ao mesmo tempo, frágil para se resguardar e se proteger, respeitando as regras morais e do bom costume, difundidas pelos discursos moralistas e conservadores. “Esse discurso que naturalizou o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição”⁴. Assim, Norma Telles ressalta os valores que foram moldando a figura do feminino ao longo da história. Essa visão concebe a mulher não como criadora, mas como um ser cuja função seria apenas a de procriar e nutrir os filhos de uma nação. A escritora vai ainda mais longe quando fala sobre o momento em que as mulheres começaram a “desafogar-se” das amarras sociais as quais estavam presas: “[...] para tornar-se criadora, a mulher teria que matar o anjo do lar, a doce criatura que segura o espelho de aumento, e teria de enfrentar a sombra, o outro lado, o monstro da rebeldia ou da desobediência”⁵.

³ TELLES, Norma. *Escritoras, Escritas e Escrituras*. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo : Contexto. 2000.p. 403

⁴ *Ibid.*, 403.

⁵ *Ibid.*, 408.

Conceber as mulheres como escritoras ativas em um espaço que era predominantemente masculino – como as publicações que ilustravam as páginas do jornal *A República* –, requer que se reconheça que essa não foi uma conquista fácil. Da mesma forma que não foi quando apareceram os primeiros escritos femininos na história da literatura brasileira. “A conquista do território da escrita, da carreira das letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil”⁶.

O objetivo dessa pesquisa é justamente resgatar a trajetória das mulheres que figuraram ou que simplesmente apareciam na imprensa jornalística norte-rio-grandense, mais especificamente em Natal.

Buscar documentos primários, mesmo diante da possibilidade de nada encontrar, tentar conhecer o novo e se surpreender com achados que permitissem resgatar particularidades de uma cultura e de valores que figuraram, ou talvez transfiguraram, todo um período da história das mulheres norte-rio-grandenses, foi o combustível que motivou essa pesquisa.

A princípio, o objetivo era estudar os primeiros anos da década de 1920. No entanto, devido ao mau estado de conservação dos documentos disponíveis no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, tivemos que estabelecer um novo corte cronológico para esse estudo: o período de 1916 a 1925, se mostrou propício para que pudéssemos prosseguir na pesquisa, uma vez que, foi neste período que já se estabelecia uma discussão acerca dos direitos do voto feminino, assim também, entre outros fatos que seguiremos analisando.

Nas primeiras décadas do século XX, notamos que as cidades passavam por transformações urbanísticas, e com a chegada de um novo século, novas perspectivas pareciam surgir também às mulheres, que apesar de ainda ser “vigiadas” pelos olhares curiosos de uma elite burguesa que mostravam-se deslumbrados pela evolução tecnológica e urbanísticas que

⁶ TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In : PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. p.409.

surgia após a Primeira Grande Guerra⁷, mas que ainda primava pela conservação de valores morais, que se traduzia na afirmação que as mulheres deveriam continuar exercendo a função de mãe e esposas, que deveriam ter o lar e as atividades domésticas como funções principais, no entanto, esse discurso parecia estar ameaçado com as novas mudanças que se anunciava com a chegada de um novo século, assim como acentua as escritoras Marina Maluf e Maria Lúcia Mott, ao mencionar

[...] com o desenvolvimento industrial e urbano, o acesso a uma melhor escolaridade, a divulgação pela imprensa de uma participação maior das mulheres no espaço público depois da Primeira Guerra, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, o avanço do feminismo e as freqüentes reivindicações das mulheres por maiores oportunidades acabaram por abrir algumas novas profissões para as brasileiras fora do lar.⁸

Na capital natalense, por sua vez, pareciam anunciar-se também nítidas mudanças no comportamento de uma elite que vivia nas áreas urbanas da cidade. Considerando esse contexto de mudanças e transformações que passava o país, assim como a cidade do Natal, esse novo corte que demarcou a presente pesquisa, revelou-se muito proveitoso, na medida em que permitiu também, consideradas as mudanças que a cidade vinha passando, a percepção de uma sutil mudança também refletida na linguagem dos escritos que foram publicados no jornal *A República*.

O início de um novo século trazia consigo novas esperanças que se traduziam em uma urgente “adaptação” das cidades ao que denominavam valores modernos. Moderno no escrever,

⁷ Acerca das transformações sócio-culturais que estavam ocorrendo no país e nas cidades, com a chegada de um novo século, anunciando o (des) encantamento de uma elite burguesa pós Primeira Guerra Mundial ver: SILVA, Alômia Abrantes da. *As escritas femininas e os femininos inscritos – Imagens de mulheres na Imprensa Parahybana dos anos 20*. Recife, UFPE. 2000. (Dissertação apresentada ao programa de pós-Graduação em História da UFPE, como requisito parcial de mestre em História).p.7-8.

⁸ MALUF, Marina, MOTT, Lúcia Maria. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998. p.402.

moderno no falar, moderno no agir. Nos colocarmos diante das páginas de um jornal que retratava os valores burgueses do período, foi muito importante para percebermos de que forma os escritos publicados reproduziam os discursos moralistas da elite burguesa da cidade de Natal. Esta anunciava e assinava os artigos que revelavam as influências culturais ou sociais que moldavam os valores do período e, ainda, as reivindicações que, por vezes, apareciam de forma muito sutil nos textos femininos.

Abrir as folhas de um jornal que fora publicado na década de 1910 e voltar o olhar para aqueles escritos amarelados e, às vezes, quase ilegíveis, foi uma experiência, que despertou a consciência do quanto é importante preservarmos os documentos históricos. No início da pesquisa tudo parecia muito distante, mas com o correr do tempo, e passados os primeiros momentos da coleta de textos, tudo começou a aparecer e foi até um pouco mágico ter a oportunidade de conhecer e perceber as primeiras mudanças na forma de escrever das pessoas daquela época. Essa experiência nos fez perceber que não só o ato de pesquisar é válido para nos depararmos com novos mundos, mas poder refletir sobre o nosso passado é também uma forma de nos colocarmos diante de nós mesmos. Talvez porque a pesquisa nos proporcione a chance de entender como se processavam os valores morais e éticos de outros períodos. A pesquisa histórica nos propicia a descoberta de novas formas de sermos nós mesmos ou, simplesmente, formas de não sermos apenas os mesmos.

Dessa forma, esse trabalho pretende deixar um registro parcial dos escritos encontrados nas folhas do jornal *A República*. Parcial por entendermos que os meandros de uma pesquisa sempre vão permitir novas interpretações, uma vez que é isso o que caracteriza a construção do saber histórico, o que não só é possível, mas também necessário.

Com o objetivo de delimitar os pontos que irão tecer o presente trabalho, lembramos que essa pesquisa tem como corte cronológico o período de 1916 a 1925 e como principal fonte o

jornal *A República*. Esse jornal foi fundado em 1889 pela figura política de Pedro Velho de Albuquerque Maranhão e, ao que tudo indica, era fiel aos preceitos nacionalistas do Partido Republicano do Rio Grande do Norte sendo, portando, um porta-voz oficial do governo.

No primeiro capítulo procuramos mostrar quem eram as mulheres que apareciam nas colunas do jornal mencionado. Através dos dados biográficos das que apareciam com mais frequência, como as poetisas Palmyra Wanderley, Carolyn Wanderley e Olda Avelino, pudemos compreender parcialmente quais eram os padrões culturais e as relações familiares dessas mulheres. Buscamos, ainda, identificar o nível cultural dessas mulheres, que conseguiram conquistar um espaço na imprensa que até então havia sido ocupado quase que exclusivamente pelos homens.

Num segundo momento, analisamos como a mulher era retratada nas publicações femininas, cujo discurso revelava o contexto cultural em que as mulheres daquele período estavam inseridas. Procuramos ainda demonstrar como essas publicações reproduziam o discurso moralista da elite intelectual da capital norte-rio-grandense, buscando estabelecer um modelo ideal de mulher que nem sempre correspondia à realidade. Os escritos femininos que aparecem nessas publicações nos permitem ver a mulher daquela época através de sua própria ótica. Contudo, é possível também perceber a maneira como esses escritos, muitas vezes, pareciam representar o ponto de vista dos homens.

No terceiro e último capítulo, procuramos analisar como a mulher era apresentada nas publicações masculinas e de que forma essas publicações afirmavam a superioridade do homem, por vezes até de forma satírica. É nesse momento do trabalho que buscamos mostrar como essas publicações insistiam em silenciar sobre os espaços que estavam sendo ocupados pelas mulheres. Percebemos, portanto, a presença de um discurso moralista que teimava em fixar o feminino no

“espaço privado”, mesmo tendo chegado a hora de as mulheres mostrarem suas faces, saírem do anonimato e construírem uma nova forma de pensar o masculino/feminino.

CAPÍTULO I : ESCRITORAS, POETAS E ATRIZES : SURGEM AS MULHERES QUE ESCREVIAM NO *A REPÚBLICA* :

Procurar entender como ocorreu o processo de emancipação feminina na capital norte-riograndense, nos permite identificar os códigos de uma moralidade que se voltavam para o público feminino na tentativa de moldar o seu modo ser. Entretanto, esses códigos foram, aos poucos, sendo deixados para trás. Essa ruptura ocorreu de forma silenciosa, lenta e respeitando parcialmente os padrões de conduta moral e ética da época. Compreender como essas mudanças ocorreram exige que se tenha uma visão clara do que foi a década de 1920 no Estado do Rio Grande do Norte. Para tanto, identificar na documentação recolhida os discursos, as figuras e, até mesmo, as omissões, é fundamental.

A capital natalense nas primeiras décadas do século XX, passava por constantes mudanças. Com a chegada de um novo século parecia também que nas vias urbanas surgiam novas aspirações por acontecimentos que indicassem que a modernidade já seria uma realidade na vida de uma elite que primava por idéias modernas, estivessem estas ligadas ao seu modo de vestir, falar ou mesmo adotar novos e requintados hábitos, influenciados pela cultura européia. Uma certa movimentação era notável na área urbana da cidade. Entre alguns artigos que encontramos nas páginas do *A República* observamos que alguns anunciavam as modificações que estavam ocorrendo dentro e fora do Estado. Alguns intelectuais que habitualmente viajavam para Europa, assim como o intelectual Henrique Castriciano,⁹ ao retornarem traziam também novas aspirações e idéias que tentavam adaptar na região, em diversos casos, essas influências culturais determinavam não apenas um novo fluxo de circulação nas vias urbanas da cidade, mas

⁹ “Henrique Castriciano, através de suas constantes viagens à Europa, e particularmente, à Suíça, em busca de recuperar a saúde, pois, sentia-se, sempre doente, não desprezou as novas idéias educativas, que lá observara, para aqui aplicá-las, visando uma educação aprimorada para a mulher norte-riograndense. Então fundou a “liga de Ensino” a 23 de Julho de 1911. Consecutivamente realizou seu grande sonho, criando a Escola Domestica de Natal, a 01 de Setembro de 1914 [...]” Acerca disso consultar : GRILLO, Maria Simonete Gadêlla. *Buscando a luz sobre Nisia Floresta Brasileira Augusta*. Natal : Edições Climax, 1989.p.37.

acabava influenciando todo o panorama urbano e social da região. Em sua tese – *Chiclete eu misturo com Banana – Carnaval e Cotidiano de guerra em Natal [1920 – 1945]*, a pesquisadora Flávia de Sá Pereira, proporciona um resgate acerca das mudanças que estavam ocorrendo na capital natalense nas primeiras décadas do século XX, quando aborda

Pelas páginas dos jornais natalenses das primeiras décadas do século XX pode-se acompanhar, entre outras coisas, que um certo projeto de saneamento estava sendo executado, que as principais casas da Ribeira e Cidade Alta prosperavam, bondes trilhavam as ruas calçadas, criavam-se novos serviços urbanos, aviadores de outros continentes faziam aqui seus pousos arriscados, enquanto nas rodas de intelectuais e artistas começavam a ser divulgados as propostas modernistas e tradicionalistas – regionalistas, ao mesmo tempo em que as festividades populares enchiam as principais ruas da cidade.¹⁰

Pela descrição de Flávia de Sá Pereira, confere-nos pensar: Natal passava por uma fase de mudanças. Havia uma proposta de saneamento dos centros urbanos, que certamente se traduzia na remoção de cortiços e favelas dessas áreas que impossibilitasse tais mudanças. Assim, como nas grandes pólos urbanos, a capital natalense parecia seguir novos conceitos estéticos na construção de residências e obras que eram anunciadas como novas propostas que vinham para melhoramento estético e higiênico da cidade.

Nas páginas do *A República* uma multiplicidade de artigos se confundiam entre anunciar as novas mudanças que ocorriam na cidade e anunciar também as festividades que as novas idéias traziam. Havia um apelo para que as pessoas saíssem de casa e fossem conferir as novas aspirações urbanísticas da capital. Em diversos artigos eram noticiadas apresentações culturais no teatro, sala de cinemas e casas noturnas da cidade, o que em diversos momentos aparecia mais como um apelo

¹⁰ A cerca das mudanças que estavam ocorrendo na capital natalense nas primeiras décadas do século vinte, consultar: PEREIRA, Flávia de Sá. *Chiclete eu misturo com banana : Carnaval e cotidiano de guerra em Natal [1920 – 1945]*. Campinas, Unicamp,2004 (Tese de Doutorado em História apresentada ao Dep.de filosofia e Ciências Humanas). p.8-9.

para que grupos que fizessem parte da elite intelectual da região conferissem as novas mudanças que estavam ocorrendo na cidade.

Em diversos momentos as mudanças que ocorriam na cidade do Natal estavam associadas aos novos rumos que seguia sua economia, assim como lembra Marlene da Silva Mariz

O desenvolvimento urbano de Natal, somente teve seu início a partir do regime republicano. A modernização da cidade e implantação de serviços se impõem em função das necessidades que surgem, decorrentes do processo de crescimento de um centro dinâmico situado no setor externo, com base na agro exportação. Nesse âmbito de desenvolvimento urbano, com ampliação e criação de novas atividades e instituições, é que a classe média prolifera, desempenhando funções de apoio direto ou indireto ao setor exportador, ou a própria população urbana de diversificada atividade produtiva¹¹.

Estivesse ligada as mudanças que se explicasse sócio-econômico ou culturalmente, a capital natalense nas primeiras décadas do século XX, presenciava mudanças que se refletiam nas novas idéias e aspirações que eram anunciadas nas colunas do *A República* por um grupo de intelectuais que passariam a anunciar não apenas as novas mudanças urbanísticas, mas também anunciar novos hábitos que seriam necessário para se adotar na capital natalense, que em alguns momentos parecia mesmo estar a anunciar, de certa forma, a chegada de sua *Belle Époque*.

O processo de emancipação e participação das mulheres na sociedade natalense sofreu uma intensificação no início da década de 1920. Em 1924, as colunas do *A República* foram tomadas por anúncios de filmes com temáticas claramente apologéticas ao feminismo, o que levou dezenas de mulheres a aderirem ou, pelo menos, conhecerem essa causa. Entre os temas destes filmes, merece destaque um anúncio que apresentava à sociedade natalense um novo ideal da mulher brasileira, que em diversos momentos parecia adotar atos que eram considerados “impróprios” à conduta da moralidade ideal a ser seguida pelo público feminino.

¹¹ MARIZ, Marlene da Silva, SUASSUNA, Luiz Eduardo B. *História do Rio Grande do Norte*. Natal : Edições Nordeste : 2002.p.225.

Com o advento da República, novos padrões de modernidade, inscritos nos discursos da burguesia, se mostravam em contínuo processo de ascensão. Na década de 1920 aconteceu o previsível ou inevitável: a cidade natalense sofreu modificações em sua estrutura urbana, assim como mencionado, os discursos dos dirigentes políticos voltavam-se para o moderno e elegiam o espaço público como primordial para o favorecimento das relações sociais e culturais da cidade. Frente a essas mudanças, percebe-se que o espaço público atraía também o público feminino. Neste momento, surgiam vários ambientes que propiciavam formas de divertimentos variados, como a indústria cinematográfica, que tomava conta de um mercado de “casais enamorados” ou de pessoas que faziam parte do seletivo grupo intelectual da cidade, que buscava participar dessas mudanças.

Um artigo encontrado entre as colunas do *A República*, nos auxilia a entender quais influências a sociedade natalense desse período sofreu. O anúncio de um filme, publicado no segundo semestre de 1924, não anunciava apenas um filme: anunciava que a mulher estava conquistando um espaço até então inédito quanto às conquistas de seus direitos nas relações sociais. Esse artigo é encontrado de forma periódica, figurando várias semanas e até meses nas colunas do *A República*, o que nos permite interpretar que estes filmes conquistavam um público cada vez maior, já que seus anúncios mostravam-se quase que ininterruptos. Veja o artigo mencionado e perceba também a influência norte-americana, presente no elenco da produção e no roteiro do filme:

“A mulher moderna”

Film especial Paramount – Interpretação admirável e fulgurante estrella[sic]. / Agnus Ayres / E coadjuvante sublime das applaudidos[sic] artistas / THEODORO ROBERTS e RICHARD DIX – Uma linda página de dedicação e amor em seis actos[sic] maravilhosos! Entrada – Adultos – 1 \$ 000.¹²

¹² *A República*, Natal, p. 102, 08 jun 1924.

O anúncio parecia apresentar a sociedade um novo modelo feminino. Seu próprio título “A mulher moderna”, já sugeria que seu tema era digno de atenção, fosse por parte de uma elite conservadora, fosse para despertar a curiosidade das mulheres que tinham acesso as publicações do *A República*. Certamente nas imagens das atrizes norte-americanas fica sugerido novos modelos femininos, parecia surgir o ideal da “mulher moderna”, que certamente ficava sugerido na figura das atrizes que influenciavam as mulheres da região, fosse com suas falas, com seu visual moderno, fosse mesmo com seus atos de uma mulher “emancipada”.

Um outro anúncio, de 1925, também nos ajuda a identificar as mudanças de atitudes e comportamentos das natalenses do período estudado. Assim como o apresentado acima, este também foi publicado por várias semanas nas páginas do *A República* e anunciava filmes com temáticas voltadas para o universo feminino. Esses anúncios também nos fazem pensar se esses artigos atingiam, de fato, seu público alvo e se estas publicações eram um pré-anúncio da modernidade na esfera do feminino? Mais do que expor aqui as respostas a esses questionamentos, que certamente aparecerão no decorrer do trabalho, é importante observar o anúncio e perceber de que forma ele dirige-se ao público feminino:

ROYAL CINEMA POLYTAMA

O MARIDO DE SUA MULHER
Drama Social – Betty Blythe.

O ERRO DAS MULHERES

Qual será ? Estará elle[sic] no Vaso de carmim , no pom pom de pó de arroz, no batom rouge[sic] dos lábios, no bistre[sic] das olheiras, na tentação suave do perfume, ou na elegância refinée [sic] das toilettes[sic] ? Íreis sabel-o[sic] assistindo o film[sic] – O ERRO DAS MULHERES¹³.

¹³ *A República*, Natal, p. 67, 05 jan 1925.

É possível perceber que: estivessem destruindo a muralha de um machismo secular ou abrindo espaço para fixar novos hábitos e costumes, estas publicações já sugeriam discussões acerca da relação entre o feminino/masculino, neste momento o feminino parecia estar conquistando uma maior visibilidade entre os as publicações do *A República*, pois esses anúncios denunciavam distorções na ordem vigente. Quanto à quebra de padrões – estéticos, sociais, morais ou culturais, para a mulher seguir – com isso tais anúncios abriam também caminhos para discussões sobre as figuras femininas que apareciam nas colunas do *A República*, como as poetisas Palmyra Wanderly e Carolyn Wanderly, assim como diversas outras faces anônimas da época que nos propomos estudar, com o objetivo de descobrir não todos os seus elementos e códigos existentes, mas sim de buscar o que foi ou do que viera a ser a escrita feminina impressa em um veículo abrangente, que tinha uma certa representatividade política na região, como o jornal *A República*, fonte esta que se mostrou primordial para a presente pesquisa, conforme mencionado anteriormente.

Refletir sobre as mudanças de um novo século, todas inter-relacionadas, como o as que ocorreram no modo de vida da modesta população que vivia na cidade de Natal no início da década de 1920, significa analisar o quanto às estruturas sócio-culturais foram alteradas com novas idéias que surgiam e se disseminavam na cidade. Assim, a chegada de um novo século anunciava novos padrões de modernidade, ditados pela burguesia, que constantemente importavam valores sociais, culturais ou que se ligassem à economia da cidade e acabavam influenciando a forma de agir da população. Essas influências, assim como mencionado, lembremos que se refletiam no modo de vestir, de andar, de falar e mesmo de escrever, como se pôde perceber nas publicações do jornal *A República*.

Escrever e ter seus artigos publicados no jornal *A República* era privilégio de poucos cronistas que faziam parte de uma classe que, favorecida cultural ou economicamente, ligava-se à alta burguesia da cidade e tinha espaço para conduzir as “notas” que apareciam nas folhas daquele jornal.

Escrever em um jornal de circulação diária parecia mesmo ser uma função quase que exclusivamente masculina. Tratava-se de um jornal no qual publicavam-se assuntos ligados à economia do país e do mundo, mas também onde era comum encontrar artigos e crônicas, que refletiam constantemente as modificações que estavam ocorrendo no âmbito cultural local e universal. Era um espaço cujas publicações eram predominantemente advindas do masculino. Entretanto, já nos primeiros números pesquisados, foi possível encontrar artigos escritos por mulheres, embora estes fossem menos comuns. No decorrer da pesquisa, esses artigos revelaram-se fundamentais para mostrar quem eram essas mulheres que haviam conquistado o direito de assinar um artigo publicado naquele jornal.

Interessou-nos então compreender à que condição social pertenciam essas mulheres, que tipo de educação haviam recebido, a que se referiam seus escritos e como eram produzidos. Vale lembrar que essas mulheres pertenciam a uma classe econômica e intelectualmente privilegiada, o que não quer dizer que elas estavam imunes às influências e aos padrões sociais e estéticos do período.

Nosso intento aqui é indicar elementos que evidenciem a que grupo social, assim como a que nível intelectual se ligavam essas mulheres. Procurar conhecer um pouco da biografia dessas mulheres que mais acentuadamente apareciam nas publicações diárias daquele jornal, é o que nos interessa neste capítulo.

Mulheres cultas, advindas da alta e média burguesia natalense, passaram continuamente a conquistar um espaço na sociedade e na imprensa jornalística da cidade. Os jornais eram um

espaço onde tudo de importante se noticiava: pessoas ilustres, casos inéditos, notícias urgentes, tudo ali se encontrava. Parecia que o mundo girava entre as folhas de publicações diárias, que reunia cronistas, que muitas vezes assinavam com pseudônimos e faziam revelações surpreendentes, ligadas as mudanças sócio-culturais, dentro e fora do Estado.

Neste espaço adentravam as mulheres como cronistas, mais acentuadamente como escritoras e de forma expressiva como poetisas. Essas mulheres conquistavam um espaço cada vez mais abrangente, não só aparecendo nas colunas, mas também divulgando idéias, que se revelavam nas metáforas que brotavam dos versos de seus poemas, muitos deles de teor quase pueril, mas ao mesmo tempo expressivos e reveladores das subjetividades femininas.

Escrever para um jornal, ainda naquele momento, era prerrogativa de poucas mulheres. Muitas ainda reservavam para si o espaço doméstico e a função de “rainha do lar”, sobretudo as mulheres de baixo prestígio social, pertencentes às camadas mais pobres da sociedade natalense, uma vez que, “as mulheres de classe mais abastadas não tinha muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas ‘prendas domésticas’- Orientar os filhos , fazer ou mandar fazer a cozinha, costurar e bordar¹⁴”. Essas eram excluídas de quase todo o espaço público, não só socialmente, mas também culturalmente. Eram, ainda, vistas e classificadas por alguns homens como “frágeis e delicadas damas”, que necessitavam do espaço privado do lar, assim como de proteção contra as corrupções a que poderiam se expor nos espaços e assuntos públicos, como o das relações políticas, por exemplo.

As mulheres que faziam parte das publicações ou que simplesmente apareciam nas folhas das publicações diárias do jornal *A República*, como escritoras, atrizes, mais

¹⁴ FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordestino. In : PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo : Contexto,2000.p.249.

expressivamente como poetisas, no decorrer dos anos de 1916-1925, demonstravam uma clara mudança no comportamento, que se revelava no falar, no agir e mesmo no escrever.

Contudo, as mulheres dessa época ainda eram bastante marginalizadas, sendo vítimas de constantes críticas sociais. Artigos encontrados no transcorrer da pesquisa revelaram que essas mulheres eram alvo de um preconceito que as destituía parcial ou completamente de qualquer chance de assumir cargos de comando ou mesmo de poder falar abertamente, sem metáforas o que realmente pensavam, tanto no que diz respeito aos valores morais quanto aos deveres sociais e regras às quais deveriam obedecer.

Tendo seus direitos políticos e sociais negados, restava às mulheres escrever poemas que, se por um lado não passavam de inofensivas formas lúdicas de falar de sentimentos femininos, por outro se revelavam verdadeiras formas de denúncia de um mundo, no qual as mulheres ainda estavam ou se sentiam aprisionadas. Essas mulheres eram destituídas de qualquer chance de mostrar suas verdadeiras opiniões ou mesmo divergências frente sua própria realidade, realidade da qual eram, muitas vezes, meras espectadoras.

As poesias publicadas nas colunas do jornal *A Republica* revelavam mulheres que pareciam estar destituídas de ideais políticos e avessas a qualquer manifestação de emancipação, revelando apenas a figura de uma mulher ligada a sentimentos fraternos ou abstrações que só podiam ser entendidas no universo feminino.

Poetisas com erudição e influências parnasianas, como Carolyn Wanderley e Palmyra Wanderley, traziam em seus poemas uma linguagem culta, colocavam em suas publicações uma linguagem suave, nostálgica e tinham no rimar de seus versos um tom lírico, destituído de qualquer linguagem objetiva, pois as frases pareciam ser feitas com tal propósito. Eram frases que cuidadosamente construídas para envolver o leitor, lhes passar uma sensação de paz e de suavidade. Nota-se que muitos dos leitores admiravam essas poetisas e a prova disso é que no

decorrer de todo o período em análise as publicações dos poemas nunca chegaram a desaparecer das folhas do jornal provando que, direta ou indiretamente, essas “mulheres poetas” tinham um público fiel.

Nesse ponto é importante conhecer como viviam as mulheres que apareciam nas colunas do jornal *A República*, uma vez que isso nos possibilita entender qual era o grupo de mulheres que haviam conquistado esse espaço, fosse escrevendo poesias, editando artigos que anunciavam gostos, hábitos e, sobretudo, como essas mulheres viam a si mesmas. As mulheres que escreviam no *A República* eram acentuadamente cultas, pertenciam às famílias tradicionais da região e eram mulheres influentes, que não só escreviam no jornal da cidade, como participavam de publicações de outras regiões e eram reconhecidas enquanto escritoras e poetisas, como foi o caso de Palmyra Wanderly e sua prima Carolina Wanderley, assim como Olda Avelino, das quais neste momento abordaremos, parcialmente a vida e a obra.

Palmyra Guimarães Wanderley de França¹⁵ nasceu na cidade do Natal, no início do mês de Agosto de 1894. Filha de Carlos Wanderley e de D. Anna Guimarães Wanderley, também conhecida como “Nana”, Palmyra Wanderley, em sua infância e anos de juventude, continuou residindo na cidade do Natal, onde viveu até os últimos dias de sua vida, falecendo em 1978.

Fazendo parte desta influente e importante família da cidade do Natal, os Wanderley, Palmyra era filha, irmã e neta de poetas, recebeu uma educação clássica, refinada conforme os padrões de ética e religião da época, estudou no Colégio da Imaculada Conceição, dirigidos pelas irmãs Dorotéias, que impunha rígidas normas de conduta e proibiam inclusive, o acesso a grandes

¹⁵ Sobre vida e obra da poetisa Palmyra Guimarães Wanderley consultar : WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal : Edições Fac- Similar, 1993.

obras literárias consideradas profanas. Segundo Câmara Cascudo,¹⁶ a sensibilidade e o espírito de Palmyra, o seu contato com a vida e a natureza superaram os obstáculos impostos pela sua educação religiosa. Naquela época eram poucas as mulheres que dominavam “o mundo das letras”, esse era um privilégio de uma pequena camada da sociedade. A pesquisa mostrou que os Wanderley na cidade do Natal, era uma família tradicional e era comum encontrar entre seus entes homens exercendo a profissão de médicos, sendo com isso admirados e respeitados na cidade, devido à influência e prestígio da profissão que exerciam. Da mesma forma, encontrar mulheres ligadas à educação, formadas no magistério e exercendo a profissão de professoras era um diferencial em sua formação e, por que não dizer, em sua condição social.

Como ocorria com a maioria das mulheres daquela época, Palmyra casou-se muito jovem com o Dr. Raimundo França, o que revela que apesar de ser uma exceção no que diz respeito à formação educacional e ao fato de ser poetisa, ela também obedecia às regras ditadas pelos padrões morais da época. Era comum encontrar na face juvenil de uma moça, ainda quase menina, traços da responsabilidade que assumia precocemente com um cônjuge geralmente bem mais velho.

Ao que tudo indica, escrever para Palmyra Wanderley parece ter sido uma opção pessoal. Em sua poesia é comum encontrar traços que identificam uma regionalidade acentuada, identificada na construção de seus versos. No ano de 1919, aos vinte e cinco de idade, Palmyra Wanderley publicou, regionalmente seu primeiro livro de versos, *Esmeraldas*, obra que diferenciou a escritora no período que escrevera. Em sua poesia identificamos nitidamente traços de influência parnasiana, no entanto, assim como anunciavam os críticos do período, Palmyra não se deixava escravizar por métodos e estilos literários da época.

¹⁶ Sobre anos de juventude, formação acadêmica e reconhecimento nas escolas literárias do Brasil e do mundo, acerca da atuação da poetisa Palmyra Wanderley ver : REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal. v.1, n.1, 2000.

Palmyra Wanderley teve suas poesias assiduamente publicadas nas edições periódicas do *A República*. Sendo honrosamente reconhecida, pela crítica do período, como uma das maiores escritoras nortista, Palmyra parecia não se intimidar ou deixar-se envaidecer por tamanhos elogios. Conforme mencionado, sua poesia parecia estar voltada a enaltecer as belezas da cidade em que vivia e que a inspirou por toda vida, com isso a regionalidade identificada nos poemas de Palmyra era o que a distinguia das outras poetisas do período.

O espaço que Palmyra Wanderley ocupava na sociedade norte-rio-grandense parecia e certamente podia ser visto como privilégio de poucas mulheres. A escritora fazia parte da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. O reconhecimento expressivo de suas publicações ocorreu em 1931, quando lançou, nacionalmente, a primeira edição de mais um entre seus livros de versos “*Roseira Brava*”. Esse reconhecimento veio através das críticas dos membros da Academia Brasileira de Letras, que destinaram a poetisa natalense as mais honrosas críticas atribuindo-lhe uma reconhecida autenticidade que se identificava na elaboração de seu livro. “De sua poesia disseram – “ Tem talento. Sabe fazer versos como cantam os pássaros, as cigarras e as fontes” – Pascoal Carlos Magno; “ O livro de Palmira é desses que a gente lê, e fecha, com saudade”.¹⁷

Composta por um grupo de intelectuais que faziam parte dos estratos mais favorecidos do país, na crítica destinada a Palmyra Wanderley, advinda da Academia Brasileira de Letras, críticos como Ademar Tavares, Olegário Mariano e Luis Carlos, atribuíram a Palmyra Wanderley elogios que a distinguia social, intelectual e culturalmente entre demais poetisas que surgiam na década de vinte.

¹⁷ WANDERLEY, Walter. *Família Wanderley – História e Genealogia*. Rio de Janeiro: Edições Pongetti : 1966.p.319.

A crítica, porém, não se destinava apenas aos seus livros, mas fazia referências também às habilidades enquanto jornalista e escritora honrosamente reconhecida pelas instituições literárias.

Como se pode observar a vida de Palmyra Wanderley, enquanto escritora e poetisa, foi repleta de constantes elogios que, certamente, contribuíram para sua caminhada no restrito “mundo das letras”. O espaço que Palmyra ocupou foi uma conquista que favoreceu às poucas mulheres de classe socialmente privilegiada.

Conforme mencionado, a atuação de Palmyra Wanderley ultrapassou as barreiras do Estado em que nasceu e residia. Além de poesia Palmyra Wanderley escreveu peças de teatro e novelas radiofônicas. Apesar do reconhecimento em outros Estados, aqui na sua cidade natal, a poetisa continuava a ser exaltada e mantinha seu prestígio nas instituições da cidade como a Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, onde Palmyra ocupava a cadeira que foi criada sob a égide de Auta de Souza.

Outra poetisa que teve seus escritos publicados periodicamente nas colunas do jornal *A República* foi Carolyn Wanderley, prima de Palmyra Wanderley.

Maria Carolyn Wanderley ¹⁸ nasceu na cidade de Açu, em 04 de janeiro de 1891. Fazendo parte da influente família Wanderley, não tardou em ser reconhecida por sua produção e pelas participações nas colunas de importantes jornais da cidade do Natal, onde residiu grande parte de sua vida, e desenvolveu suas aptidões intelectuais.

Carolyn Wanderley ingressou cedo no magistério. Filha do professor Luis Carlos Lins Wanderley, também conhecido como “Lucas”, e de Dona Maria Amélia Wanderley, Carolina Wanderley também teve suas publicações reconhecidas pela crítica local, sendo em muitos

¹⁸ Sobre a vida e obra da poetisa Carolyn Wanderley consultar obra : WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal : Edições Fac- Similar, 1993.

momentos classificada como uma mulher que “nascera e morrera poetisa”. Em 1919, a poetisa publicou seu primeiro livro de versos intitulado *Almas e Versos*.

Sua obra poética lhe rendeu reconhecimento pela sua atuação e criação literária. Com isso, Carolyn Wanderley tornou-se membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, instituição onde ocupou a cadeira que tinha como patrono seu avô, Dr. Luis Carlos Lins Wanderley.

Carolyna Wanderley, assim como quase todas as moças que detinham um poder econômico privilegiado e faziam parte de famílias de prestígio social na região, recebeu uma educação clássica, o que era comum dentro dos padrões da época. Entre outras habilidades, sabia tocar piano, seguindo todos os parâmetros pré-estabelecidos que condiziam com as boas normas de conduta que uma moça de família deveria seguir.

Diplomando-se pela Escola Normal de Natal em 15 de Novembro de 1911, Carolyn Wanderley, devido a sua intensa dedicação e notada “vocação” para a profissão que escolheu, foi nomeada, em 27 de Dezembro do mesmo ano, para ocupar a cadeira mista infantil do grupo escolar Tenente-coronel José Corrêa, localizada em Açú, sua terra natal, onde assumiu o cargo em 15 de Janeiro de 1912.

Em 1913, novos horizontes se abriram para Carolyn Wanderley. A 16 de Dezembro do de 1912, Carolyn foi removida para Natal exercendo as mesmas funções, agora à frente da coordenação de grupo escolar Frei Miguelinho, localizado no bairro do Alecrim, onde ficará até o ano de 1914.

Na capital norte-rio-grandense Carolyn Wanderley teve atuação marcante. Juntamente com sua prima, Palmyra Wanderley – expoente de prestígio nos salões “nobres” da cidade – fundou a primeira revista feminina da cidade: *Via Láctea*. Esta era vista como uma publicação interessante e até mesmo ousada para os padrões da época. Essa revista, aparente conquista das mulheres foi de publicação transitória. Logo desapareceu das bancas, denunciando que forças

contrárias pretendiam calar um grupo de mulheres que parecia ascender passivamente à chama libertaria e que anunciava conquistas e tomava o que até então lhes havia sido negado, ou seja, direitos sociais ou mesmo um espaço na sociedade.

Assim, Maria Carolyn Wanderley teve, dentro dos limites da época evidentemente, uma atuação notável na sociedade norte-rio-grandense. Como ocorreu com sua prima Palmyra Wanderley, muitas de suas reais aspirações e pretensões podem ter sido caladas na construção de sua obra poética, entretanto, um resgate minucioso de sua obra demonstra que, muito além da simples construção de versos líricos, sua obra pode revelar a reprodução da época em análise, seus versos sugerem imagens do feminino, assim como imagens de padrões sociais que foram estabelecidos no período.

Apesar da maioria das poesias que encontramos no *A República* ser de autorias das duas poetisas que mencionamos anteriormente, foi possível também identificarmos outras poetisas que apesar de não ter seus versos publicados de forma freqüente, também fizeram parte das mulheres que tiveram, em alguns momentos, chances de terem seus poemas publicados no citado jornal, com isso, também torna-se propício conhecermos um pouco da biografia de uma destas poetisas, que assim como Palmyra e Carolyn Wanderley com suas escritas, demarcaram e personificaram as páginas do *A República* em anos finais da década de dez e início da década de vinte.

A poesia de Olda Avelino, em alguns momentos da nossa pesquisa, sugeriu que os escritos femininos já faziam parte não só das edições do *A República*, mas as escritoras também escreviam em jornais de edições regionais, como foi o caso desta poetisa que agora entra em análise.

Olda Avelino ¹⁹ nasceu na cidade de Macau onde escrevia assiduamente na imprensa desta região. Sua carreira dividia-se em múltiplas atividades. Sendo dirigente de um educandário feminino na cidade onde nasceu, Olda Avelino também se dedicava a escrever e publicar seus versos, que em diversos momentos confirmavam que primar por um tom lírico nos poemas que escrevia, seria uma das principais características dos escritos femininos que apareciam na imprensa, como veremos melhor no capítulo que segue.

Sendo filha do major Emygdio Bezerra da Costa Avelino e d. Maria Irinéa Pinheiro, Olda Avelino também despertava atenção do público para os escritos que tinha publicado. Em alguns momentos, seus textos eram classificados como “tímidos”, pois seus escritos primavam por um versejar lírico que acentuadamente lhe aproximava da imagem de uma jovem tímida e romântica, o que certamente correspondia ao ideal de mulher que apareciam nos apelos de um discurso moralista que sempre insistia em afirmar que as mulheres deveriam conservar em seus atos, falas, uma postura que lhe ligasse a uma imagem de uma “frágil e delicada dama”, assim conservando em suas falas e atos qualquer possibilidade que fosse de encontro aos hábitos e padrões morais que as mulheres tinham como idéias a seguir.

Durante o decorrer da pesquisa observamos diversos artigos escritos por mulheres, contudo estes quase sempre, estavam escritos na forma de poesias. Quando analisamos as figuras que encontramos no *A República* fica sugerido que as poetisas tinham suas faces ocultadas das páginas do citado jornal. Encontramos diversos artigos que eram assinados por Palmyra Wanderley e sua prima Carolyn Wanderley, como citado anteriormente, no entanto, em nenhum momento encontramos suas faces figurando nos artigos ou nas colunas de suas autorias.

¹⁹ Sobre vida e obra da poetisa Olda Avelino consultar obra : WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal : Edições Fac-Similar, 1993.

Se esta “ocultação” da imagem das poetisas lhe conferia um determinado prestígio, fica sugerido também pensarmos: esta ocultação talvez ocorresse para lhes roubar tais prerrogativas, uma vez que, haviam rostos masculinos figurados em quase todas as edições do *A República*. Fazendo uma breve análise das diversas colunas que encontramos no citado jornal, percebemos que: O *A República* era utilizado como um veículo de divulgação não apenas de informações políticas e sociais, mas também era bastante utilizado como um veículo de divulgação de produtos comerciais assim como dos seus respectivos estabelecimentos. Entre os anúncios que encontramos os mais comuns eram os de lojas e sapatarias. Em quase todos os anúncios, os homens tinham simbolicamente suas faces desenhadas, o que parecia conferir credibilidade ao produto que estava sendo anunciado.

Quando os anúncios faziam referências a produtos que interessariam ao público feminino, notamos que não haviam desenhos que simbolizassem seus rostos, os anúncios quando faziam apelos às mulheres, geralmente estavam ligados a medicamentos, assim como marcas de xaropes e vitaminas, como a “emulsão de Scott”, um dos produtos bastante tradicional e divulgado no período. A que grupo de mulheres interessariam aqueles anúncios ligados a medicamentos? Certamente as mulheres que seriam vistas como os “anjos do lar”. Parecia haver um apelo muito forte, que a todo momento reafirmava os valores da família. As mulheres pareciam ser vistas como guardiãs do lar, deveriam ser frágeis e delicadas, mas fortes e atentas quando o assunto fosse saúde da família e/ou manter o bem estar desta. Quando nas colunas do *A República* os anúncios que faziam apelos as mulheres se desligavam de temas como os mencionados, tratavam de saúde dos filhos, uma vez que, assim como acentua Michelle Perrot, “o filho, a sua saúde e educação são invocados como fundamento dos deveres e poderes das mulheres”²⁰. Havia um

²⁰ PERROT, Michelle. *História da vida Privada, 4 : da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. São Paulo : Companhia das letras, 1991.p.142.

apelo constante de médicos e de todos que se ligavam a área de saúde, alertando as mulheres: o cuidado com a higiene pessoal seria primordial para a manutenção de uma vida saudável²¹. Vida saudável esta que não viam nas prostitutas que possivelmente “animavam” os centros urbanos da capital. As mulheres corretas, “esposas perfeitas” deveriam ser diferenciadas daquelas “mulheres de vida fácil” para não correrem o risco de adotar comportamentos ou aspectos físicos que lhe assemelhasse com aquele tipo de mulher que delas pareciam afirmar : não se cuidam , são uma ameaça para a sociedade. As “mulheres de família” deveriam diferenciar-se das prostitutas, não só na aparência , mas principalmente nos atos. Acerca desses discursos bem ilustra a escritora Norma Telles, quando nos lembra “Se o ‘anjo do lar’ não tem sexualidade a prostituta vive somente para satisfazer a devassidão de um apetite sexual excessivo. É leviana, inconstante e turbulenta . Adora álcool e o fumo. É ignorante, burra, volúvel .”²²

Diferentes imagens do feminino eram sugeridas nas colunas do *A República*, em poucos momentos suas faces eram simbolizadas, no entanto esse “ espaço” parece ter ficado reservado as mulheres que se ligavam as artes, assim como cantoras, atrizes e mulheres que optavam por atividades afins.

Publicado em 1918, sem título algum, emoldurado com a foto de uma bela jovem, o artigo anunciava “ Theatro [sic] Carlos Gomes “ – Sabb [sic] , 30 Março de 1918 – Grandiosa estréia da celebre Transformista Fátima Miris [...]!!²³

²¹ Por vezes, diversos artigos encontrados nas publicações do *A República*, ligavam a aparência feminina e sua imagem ao ideal das mulheres que bem representavam a imagem das mães ordeiras e higiênicas. O ideal da beleza e saúde feminina, assim com sua aparência, estavam associada a idéia de uma mulher saudável ;cuidados com sua saúde se ligavam a todo momento ao seu aspecto físico , inclusive a sua higiene íntima.

²² TELLES, Norma. *Escritoras, Escritas e Escrituras*. In : PRIORE, Mary Del (Org). *História das mulheres no Brasil*.p.430.

²³ *A República*, Natal, p. 10-11, 27 março 1918.

Fátima Miris conferia aos freqüentadores do “ *Theatro Carlos Gomes* “ , hoje “ *Teatro Alberto Maranhão* “ , uma nova possibilidade de se ver e pensar o feminino. Artigos que acompanhavam sua imagem também exaltavam suas habilidades enquanto artista

Certamente, ella não é, nem pode ser, uma grande cantora, porém com sua voz bem afinada [sic] e os seus conhecimentos de arte interpretou com melodiosa doçura vários trechos da musica de Sidney Jones, acompanhada pela orchestra [sic] que o maestro Franssinesi soube conduzir, [...] ²⁴

A artista certamente havia conquistado um público fiel em suas apresentações no teatro da cidade. Fátima Miris foi personagem de diversos artigos que encontramos no *A República* . Suas apresentações eram noticiadas, recebiam destaque entre as colunas que figuravam nas páginas do citado jornal e ao encerrar sua temporada, Fátima Miris deixava a crítica intelectual da cidade à seu favor: “A impressão geral foi que o trabalho da Fátima, no espetáculo de hontem [sic], tornou-se ainda melhor que o dos dias anteriores, mostrando o publico, com isto, que quanto mais conhece a artista, mais a admira”.²⁵

Analisando as críticas, elogios e observações que eram feitas sobre o trabalho de Fátima Miris, fica sugerido analisarmos: seria Fátima Miris a representante de um novo modelo de mulher na sociedade natalense? Certamente esta havia conquistado um público para suas apresentações, no entanto, sua imagem que figurava quase sempre nos artigos em que era assunto, remetia ao leitor lembrar de um modelo feminino que anunciava novos padrões de conduta ética e social. Era uma mulher de “vida pública”. Trabalhava e certamente simbolizava e influenciava mulheres de diferentes regiões. Fátima Miris parecia ditar “modismos” e assim

²⁴ *A República*, Natal, p.74, 03 abr 1918.

²⁵ *Ibid.*

poemas publicados não havia conquistado efetivamente esse espaço, ou seja, de ter suas imagens publicadas, o que acabava ficando, naquele momento, início da década de vinte, reservado para as atrizes e artistas que surgiam entre textos e anúncios de filmes, assim como analisamos, enfim as fotos que ilustravam os artigos publicados pareciam também naquele momento ficar reservada aos dirigentes políticos da região ou mesmo aos religiosos que se ligavam, por exemplo, as ordens católica vigentes.

CAPÍTULO II : SER POETA, SER BELA , SER O “ANJO DO LAR”: OS ESCRITOS FEMININOS DEFINEM IMAGENS DE MULHERES :

Adentrar um espaço quase predominantemente dominado pelo masculino certamente não foi tarefa fácil para as escritoras que encontramos nas colunas do *A República*. Artigos da década de 1910, quase sempre tímidos em sua linguagem, observados principalmente no início da pesquisa, denunciavam que as mulheres estavam conquistando um espaço delimitado, quando passaram a escrever para as colunas de um jornal de circulação diária que, devido à influência de suas publicações e seu público alvo, parecia ser um veículo singular de comunicação. Naquele momento, meados da década de 1910 e início da década 1920, os jornais, meio de comunicação bastante abrangente, pareciam estar evoluindo junto com as transformações urbanísticas da cidade do Natal. Pesquisar em jornal do século passado como o *A República* mostrou-se uma experiência singular, além de nos possibilitar rever códigos morais que “teceram” um período e que eram identificados nos escritos publicados em suas edições periódicas , assim percebemos que: o jornal é uma das fontes de pesquisa que possibilitam aos historiadores adquirirem condições de conhecerem diferentes e múltiplos discursos que se fizeram presentes em uma determinada época, uma vez que : “De todos os objetos da pesquisa histórica , o jornal é, talvez, o que mantém as mais estreitas relações com o Estado, a situação econômica, a organização social e o nível cultural do país e da época dos quais constitui o reflexo”²⁸.

Fatores como as transformações de caráter urbanístico e cultural, refletidas em uma sociedade que parecia pulsar por novas aspirações, contribuíam para que as transformações se fizessem presentes e gerassem o surgimento de novas colunas nas publicações do *A República*. Tomando como referência essas considerações acerca das publicações do jornal, assim como a

²⁸ ALBERT, P. , TERROU, F. , *História da Imprensa*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.1.

notável predominância do público masculino, que quase sempre encontramos nos artigos selecionados no citado jornal, passaremos neste momento do trabalho a propor uma análise dos escritos que encontramos assinados por mulheres, objetivando levantar e também sugerir novos questionamentos, assim objetivando identificar imagens de mulheres que estavam aparecendo nos textos encontrados, advindos do público feminino.

Quando se deu a seleção inicial dos artigos assinados por mulheres, percebemos que eram artigos bem comportados, referentes a discursos e idéias que eram ditadas como modelos para os padrões sociais da época, pois fugiam de qualquer semelhança com artigos que incitassem atitudes escandalosas. Além disso, não denunciavam ou buscavam conquistar direitos, fossem políticos ou morais. Os textos encontrados, alguns moldados por um tracejado que sugeria flores em torno da escrita, estavam ali na forma de poesias líricas, mas quando analisados, revelaram surpresas, que poderemos observar nas análises que seguem.

Constatamos que grande parte das publicações que faziam referências às mulheres naquele período aparecia mais acentuadamente na forma de poemas. O presente trabalho adotou o seu marco inicial para seleção dos artigos a partir de 1916, isto é, meados da primeira década do século XX. Essa escolha nos possibilitou perceber nítidas mudanças quanto à forma de escrever e na abordagem dos assuntos que encontramos nos artigos publicados nas folhas do *A República*.

Num primeiro momento pareceu-nos que as publicações femininas não iam contra as imposições a que eram obrigadas a se submeter ou a que se submetiam inconscientemente. Os textos femininos pareciam apenas poemas de cunho lírico que não traduziam queixas ou reivindicações. Contudo, se a princípio estes textos não revelavam mulheres preocupadas em rever ou lutar pelos seus direitos sociais ou de igualdade, um olhar mais atento nos fez perceber que algumas outras publicações surgiam, por vezes, com um discurso ainda tímido, mas envoltos

em metáforas e quase sempre anônimos, que anunciavam que as mulheres já não estavam voltadas apenas para as tarefas dos espaços privados, ou seja, do lar. Além do crochet, do bordado, do lar para administrar e da educação dos filhos, as mulheres também se preparavam para aparecer em um espaço público, fazendo conquistas e experimentando novas possibilidades de ser e viver. Possivelmente havia nessas mulheres um desejo inconsciente de descobrir uma nova face que as amarras sociais, às quais estiveram presas por décadas, as impediram de mostrar. Obviamente, essas conquistas não eram alcançadas facilmente, uma vez que mesmo tendo uma maior participação na vida pública e no mercado de trabalho, desenvolvendo tarefas que até então lhes foram negadas, um discurso moral anunciava que as mulheres deveriam permanecer na esfera privada, enfim, padrões éticos e sociais continuaram sendo ditados, reafirmando valores e condutas morais instituídas como modelos a serem seguidos pelo público feminino.

A escritora Margareth Rago, em seu livro *Do Cabaré ao Lar*, aborda os estigmas morais impostos às mulheres no percurso da história, demonstrando como esses estigmas dificultaram a conquista de um lugar no mercado de trabalho e a participação mais ativa na vida pública, que as mulheres da época começavam a almejar, afirmando que “Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devota [...] implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual”²⁹.

Os artigos encontrados nas colunas do *A República* revelam uma certa submissão por parte de algumas das mulheres que publicavam no jornal. Seus textos, na maioria das vezes, eram singelos e não traduziam aspirações ou pretensões reais do universo feminino. Pareciam mais contos poéticos ludicamente escritos por mulheres que, certamente, tiveram uma educação

²⁹ RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar : Brasil 1890 -1930* / Rio de Janeiro : Paz e Terra , 1985. p.65 .

clássica. Aquela educação intimamente ligada aos estigmas sociais que deveriam moldar o feminino, isto é, uma educação que se preocupava em fixar o lugar da mulher na sociedade, enquanto figura maternal e delicada, com isso definindo o perfil feminino na imagem de uma “angelical e desprotegida dama”.

Desse modo, a força de uma moralidade sempre presente, refletida fortemente no discurso burguês, acabou por estabelecer o controle dos atos, das falas e, acima de tudo, dos discursos femininos, que viessem a ser produzidos pelas mulheres que se aventuravam disputar um espaço ainda tão fortemente definido e capturado pelo masculino.

A imagem do “doce anjo do lar” atribuída às mulheres, provavelmente as induzia a respeitar os padrões de moralidade e inibia seus intentos de mostrar ser um agente que tinha opinião e já dominava os códigos de uma sociedade burguesa. Essa, por sua vez, almejava a modernidade, mas ainda encontrava-se dominada por idéias importadas, que em vários momentos confundia-se com um discurso que confirmava a existência de uma sociedade livre e humanizada, chocando-se com puro idealismo burguês, que na verdade aprisionava e tentava manter as mulheres nos espaços privados, exercendo a função de mães e “esposas perfeitas” e quando se ligasse a um mercado de trabalho deveria exercer a função de professoras, atividade esta que parecia ter sido naturalizada como feminina, uma vez, utilizando-se das palavras da escritora Guacira Louro, parecia haver um discurso que naturalizava o magistério como uma atividade não apenas vocacional para as mulheres, mas sim como uma continuidade natural de exerce sua função de mães educadoras. A escritora aborda as idéias desse discurso, ao mencionar

[...] as mulheres tinham, “por natureza”, uma inclinação para o trato com as crianças, que elas eram as primeiras e “naturais” educadoras”, portanto, nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representaria de certa forma, a



“extensão da maternidade”, aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha “espiritual”.³⁰

Voltando aos escritos femininos analisamos que: os textos assinados por mulheres pertenciam as que, certamente, ligavam-se aos grupos mais favorecidos social e culturalmente da capital natalense. No decorrer da pesquisa, os textos das poetisas Palmyra Wanderley e sua prima Carolina Wanderly, revelaram-se fontes primordiais para esse estudo. Vale salientar que esses textos foram encontrados nas publicações do *A República* durante todo o período pesquisado.

Nesse ponto do trabalho passamos a analisar os artigos das poetisas citadas. Atentamos para as minúcias, muitas vezes imperceptíveis na elaboração de seus discursos, mas que eram revelados por metáforas e construções lingüísticas que primavam por um lirismo poético quase mórbido.

Escrever para as poetisas que surgiram no início do século XX, assim como mencionado, certamente não pode ter sido uma fácil tarefa. Dentre os artigos encontrados no *A República* a poesia de Carolyn Wanderley demonstra que seus escritos, assim como as idéias femininas ainda estavam “capturadas” e pareciam respeitar padrões que os textos femininos deveriam seguir. Escrever, primando por uma linguagem lírica, foi uma das principais características que encontramos nas poesias femininas que ilustravam as páginas do citado jornal. Na análise das poesias que prosseguem o principal ponto que devemos atentar se encontra no que a escritora Norma Telles nos lembra “Tanto na vida como na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola. As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera”³¹.

³⁰ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In : PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2000.p.450.

³¹ TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In : PRIORE, Mary Del. (org.)*História das mulheres no Brasil*. p.408.

A influência literária que encontramos nos textos femininos nos remete pensar: havia na realidade um espaço que foi atribuído às mulheres escritoras de forma delimitada. Nos escritos femininos encontramos discursos que pareciam reescrever códigos de padrões de moralidade que eram impostos como ideais para ser seguidos por um público feminino.

Os poemas assinados por mulheres primavam por uma linguagem lírica, no entanto, é importante percebermos: até que ponto estas poesias eram representações das subjetividades femininas? Certamente até onde lhe foi permitido, uma vez que: em diversos textos encontramos discursos que sugeriam representações de modelo ideais de mulheres para serem aceitas socialmente. Se dentro de um primeiro momento a poesia lírica permitia as escritoras se expressarem, trazendo em seus textos, possibilidades de construir seus sentimentos interiores, o seu “eu poético”, por outro lado esta forma de escrever parecia mesmo ser mais um obstáculo, para as poetisas que escreviam no período, pois, assim como acentua a escritora Norma Telles

A poesia lírica que não a mera exposição de sentimentos adequados exigia um eu confessional forte, difícil para as mulheres sujeitas as definições culturais da época. Não podiam se expressar quando lhes era dito que deveriam se auto-sacrificarem pelos outros, que não deveriam fazer afirmação, deveriam se restringir a sugestões alheias, deixando ao interlocutor a possibilidade de recusa.³²

Esta idéia de que a mulher deveria sempre estar pronta para servir, restringindo-se em sua mais total “submissão”, certamente parecia surgir também nos versos das poesias femininas aqui no Rio Grande do Norte.

Nos escritos femininos que encontramos no *A República* a poesia de Carolyn Wanderley sugeriu imagens de mulheres que certamente existia e surgia na década de dez e vinte, no entanto, não apenas imagens de mulheres e modelos femininos, ficaram sugeridos nas poesias de

³²TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das mulheres no Brasil* p.423.

Carolyna, com isso foi possível também encontrarmos modelos masculinos sugeridos nos versos da poetisa, que em análise segue.

Os poemas de Carolyna Wanderley a inscrevia como uma mulher de sentimentos mórbidos, no lirismo dos seus versos. Carolyna se definia como uma mulher que desconhecia a felicidade e os reais prazeres que esta pudesse trazer. Seus versos lhe atribuía uma sensibilidade características das poetisas do período, porém, os temas que abordava lhe traduzia como uma poetisa de versos melancólicos e por vezes tristes, estando quase sempre a lamentar e /ou trazer questionamentos que denotavam tristezas em suas falas

Abordar temáticas que faziam referência a retratação simbólica dos sentimentos femininos assim como de “sentimentos humanos” foi um dos assuntos mais presentes nos escritos femininos encontrados no *A República*. Nos poemas de Carolyna Wanderley, por exemplo, encontrar versos que sugeriam sentimentos introspectivos das “aspirações femininas e também masculinas”, em diversos momentos nos conferiu lembrar, que a poesia lírica trazia consigo revelações de sentimentos que possivelmente as poetisas tiveram vivido, assim como podemos exemplificar nas análise que seguem, onde a poetisa em análise deixa inscrito em seus versos as representações simbólicas das subjetividades femininas e também masculinas, respectivamente.

Um artigo publicado em Outubro de 1916, intitulado *Na corolla de um cravo*, da autoria de Carolyna Wanderley, revela traços característicos das poetisas da época, assim como dos poemas que circulavam nas colunas do jornal *A República*. Através desse artigo percebemos que essas mulheres falavam de seus sentimentos pessoais e também nos permite analisar a construção poética de Carolyna Wanderley. Esse texto talvez indica que a autora “versejou” para um amor perdido. Entre rimas e palavras, cuidadosamente selecionadas, a poetisa revela-se detentora de uma sensibilidade notável, quando fala em seu poema do amor que um dia tivera. Observe:

“Esta flor perfumada que me deste/ como penhor do nosso afecto [sic] Santo/ A rubra cor destes teus lábios, veste, / E guarda o triste orvalho do teu pranto,[...] Junto ao meu coração que afflicto[sic] agora,/Seu sonho morto desolado, chora,/Hei de fazer, qual santo talisman [...]”³³.

No poema de Carolyn as flores representariam o “afecto” do casal. Em diversos momentos a poetisa sugere a perda de um amor que um dia existiu presente em sua vida. Entre seus versos a poetisa inscreve-se sugerindo talvez uma possível infelicidade que leva consigo, quando menciona, na descrição da perda da pessoa amada, ver lágrimas e carregar consigo um coração “afflicto”, sugerindo em seus versos a representação de subjetividades femininas.

Publicado em 1917, intitulado “*Dever Supremo*” o artigo sugeria imagens e papéis femininos, simbolizando as mulheres quando assumiam o papel das “mães cívicas”, mulheres devotas que seriam capazes mesmo de doar seus próprios filhos para vê-los lutar a favor de sua “Pátria amada”. O poema sugeria também a representação de uma mulher que se limitava à imagem feminina das esposas “patricias, casadas, submissas e assexuadas”. Nos versos de Carolyn Wanderley, recriando o imaginário do momento em que as mães enviariam seus filhos a Guerra, escreve

No momento em que um povo infrene se levante [...]/ Impondo a Pátria amada o valor e o respeito , / E em que a paz ___ Nobre ideal que a humanidade encanta, / Sacrifica os seus dons por amor de Direito ; / Enquanto a multidão febril e ardente canta [...] / Celebrando o paiz [sic] as Victorias [sic] affeito [sic], / Desce ao althar [sic] das mães, cheia se magoas tantas / Um rosário sem fim de lagrimas desfeito / Olhos santos de mães de onde o mal se desterra / [...]³⁴.

Neste momento ficava sugerido que as mães que vissem seus filhos sendo enviados para combater nos campos de guerra e lutar a favor do fortalecimento de sua Pátria, deveriam serem

³³ *A República*, Natal, p. 247, 04 out 1916.

³⁴ *A República*. Natal.p.92. 25 Abr. 1917.

fortes. Todas as magoas, angustias e dores se apagariam ao vê-los retornar para “ os braços de sua nação”. Havia um acentuado apelo para que as mulheres se tornassem fortes e corajosas, mesmo ao ponto de renegar seus filhos ao vê-los retornar da guerra como um covarde, antes isso, deveriam vê-los mortos, o que lhe conferia “ título de heróis de sua Pátria”, pois teriam morrido a favor do estabelecimento de um bem maior e universal – “a Paz”- , Em seu poema Carolyn escreve:

Olhos santos de mãe de onde o mal se desterra / Quando a Pátria chamar Vossos filhos a guerra, / Mães sublimes sereis sim, fortes, não chorardes / Não vos amendrontes ao Zunir da metralha / Antes vel-os [sic] morrer no campo de batalha / Que vergonha sentir por sabel-os [sic] covardes !³⁵

As mulheres que lhe tivessem atribuído a imagem das “mães dos filhos da guerra”, deveriam ser possuidoras de uma bondade universal, renegariam suas vontades, seus sonhos, medos, colocando-se assim como seus filhos, a favor da luta pelo restabelecimento e manutenção da “Paz”, entre todos os filhos da nação.

Fica neste poema sugerido mais uma imagem de mulheres que deveriam existir como modelos socialmente corretos. Estar a serviço da nação e a favor dos mais “desvalidos” seria uma obra que não teria preço. Em diversos momentos fica sugerido e acentuasse a imagem de que: as mulheres deveriam sufocar seus gostos e quando assumissem o papel da mãe-esposa dona de casa, assumiriam também o papel de mulheres submissas ou do que diversos discursos se denominava “anjos do lar”.

Encontrar poemas onde os escritos femininos possibilitassem simbolizar sentimentos masculinos parecia não ser muito comum, no entanto, em 1917 encontramos um poema que se

³⁵ *A República*. Natal, p.92, 25 abr 1917.

dedicava a retratar os sentimentos de perda que também possivelmente sentiria o homem com a morte da mulher amada. No poema intitulado “*Ninho Enlutado*”, Carolyn Wanderley utiliza-se de recursos lingüísticos, tais como metáforas, para sugerir que os homens também amavam e sofriam com os desencontros de um matrimônio. No poema, pássaros representavam o casal. O lar era representado por um ninho:

Ao despontar do sol de um dia de janeiro, / Na gaiola a soltar gemidos solitários
/ Ficou sem desferir um canto alvicoeiro, / O mais louro e gentil de todos os
canários / É que a morte cruel num golpe traiçoeiro / Roubou-lhe a companheira ;
e entre lamentos vários / Desde de então elle [sic] chama-a em pios funerários /
Emquanto ella [sic] repousa ao pé de um sabogueiro /[...].³⁶

Em trechos do poema citado, parece sugerido, que os homens amavam e sofriam a perda da mulher amada. Os homens apareciam como fiéis, choravam, mais eram fortes, gentis e belos. Para as mulheres ficava sugerido que só deveriam abandonar o matrimônio por meio de uma dolorosa partida. Mais uma vez os poemas recriavam a idéia que o feminino deveria sempre estar controlado pelo masculino. Ligar a imagem masculina enquanto representante de sentimentos interiores parecia não ser muito comum, quase sempre eram as imagens femininas que se ligavam e eram vistas como representantes de sentimentos afetivos, assim como mencionado, este papel às mulheres era atribuído nas poesias femininas como algo natural, os discursos pareciam afirmar: as mulheres estariam representando seu papel real, mas talvez não ideal, com isso, sugerir imagens e simbolizar modelos de mulheres que seriam ideais para uma sociedade que se modernizava e que necessitava das contribuições de todos seus cidadãos, pelo este, que quase sempre, identificamos nos escritos femininos nas colunas do *A República*.

³⁶ *A República*. Natal.p.24. 30 Jan 1917.

Entre 1916 – 1920 verificamos que os escritos femininos direcionam os temas de seus poemas assim como a natureza do conteúdo dos seus discursos, para analisar a beleza feminina, fosse estabelecendo padrões que definiam a beleza das mulheres, fosse propondo análises do que vinha a ser uma mulher bela em anos finais da década de dez. Assim como Carolyn Wanderley, sua prima Palmyra Wanderley, aborda em seus textos, temáticas que discutem a beleza feminina, assim como os padrões ideais que uma mulher deveria seguir para ser considerada bela, vejamos as análises que seguem.

Publicado em 1916 intitulado *Ao Coração* este artigo sugere um modelo de mulher que certamente infere-nos ter existido entre as mulheres que pertenciam aos grupos sociais privilegiados da capital natalense nas décadas dez e vinte. Um modelo de mulher que se preocupava com sua beleza física e que primava por manter-se sempre jovem, no entanto a possibilidade de ver-se envelhecer não lhe era agradável nem muito menos de fácil aceitação.

Vive desta illusão [sic], soffras [sic] embora / Os lacerantes golpes da incerteza, / De falsos ideaes [sic] a vida enflora / Para occultar [sic] a sombra da tristeza / Da luz de cyrio [sic] fazer a tua aurora / A despontar radiante de belleza [sic] / E vai fugindo ao sofrimento agora / Emquanto[sic] es dele victima [sic] indefesa, / Deixa crescer como nociva era, / E um dia, então, convicto, só tristonho / Veras cristar[sic] das flores do teu sonho / Os espinhos da amarga realidade³⁷.

Em alguns momentos do texto Carolyn Wanderley indica possuir serenidade. Para o leitor Carolyn escreve “Triste engano de tua mocidade” como se dizendo: “Ilude-se até quando poder”. Sugere existir padrões de beleza que eram seguidos, mas acentuadamente inscreve-se em seu poema quando parece afirmar que a beleza não passa de uma mera ilusão, mas nos deixa a idéia de que a beleza para a mulher que surgia na década de dez e vinte parecia seguir modelos

³⁷ *A República*. Natal, p.287. 29, dez 1916.

que lhe conferisse uma face juvenil, a mulher para ser “*bella*” deveria ser jovem, não apenas ao seu olhar, mas aos olhos de toda a sociedade.

Um outro artigo, ainda de autoria de Carolyn Wanderley, também trazia à luz um debate em torno dos conceitos de beleza feminina, assim como a preocupação que as mulheres tinha de ser manter sempre jovens.

Algumas publicações, como já mencionado, no primeiro momento da pesquisa, revelavam metáforas, que poderiam ser interpretadas de forma dúbia. Com isso muitos dos artigos encontrados, escritos na forma de poesias líricas, buscavam retratar a maneira como a escritora via o mundo. Em diversos momentos foi possível encontrar construções textuais que faziam referências às formas subjetivas, das quais as poetisas se utilizavam para descrever sentimentos humanos. A análise dos versos poéticos permite descobrir talvez o “indizível”, ou talvez o que estava subtendido nas entrelinhas dos poemas. Vale ressaltar que a análise de poemas suscita inúmeras possibilidades de interpretação e, claro, a nossa é apenas uma delas.

É necessário observar que ao interpretar os artigos encontrados nas folhas do *A República* é fundamental considerar a que tipo de público eram direcionados, isto é, não se deve esquecer que a classe com uma baixa renda mensal, certamente, não tinha acesso a tais publicações. Diante disso, infere-se que o público alvo era o dos mais favorecidos economicamente.

Os textos femininos não apenas descreviam “sentimentos de cunho lírico”. As publicações encontradas, como um artigo intitulado *Ao meu espelho*, de autoria de Carolyn Wanderley, aborda um assunto que interessava diretamente às mulheres pertencentes à elite burguesa que certamente tinham uma acentuada preocupação com sua beleza física. Publicado em Janeiro de 1917, esse artigo faz uma abordagem sobre a questão da idade das mulheres e estava diretamente ligado à preocupação das jovens com sua aparência física com o passar dos anos. É muito

provável que não revelasse as principais e reais preocupações que todas mulheres podiam ter neste período com sua beleza física, nem se quer dizer com isso que todas as mulheres tinham essa preocupação, mas o artigo parecia denunciar o sentimento de um determinado grupo de mulheres que pertenciam aos estratos mais favorecidos economicamente, ou seja, mulheres que faziam parte da elite burguesa do período.

O artigo sugere também uma certa “relação narcisista” que a mulher, preocupada em conservar sua “beleza juvenil”, adotava com o espelho – seu mais fiel e idolatro amigo.

O artigo se torna interessante quando analisado do ponto de vista da época, ou seja, quando estabelecemos um olhar retrospectivo sobre ele. Considerando que a mulher encontrava-se destituída de direitos sociais, políticos e, em muitos casos, limitada aos espaços privados do lar, é fácil compreender porque toda essa preocupação com sua beleza física, uma vez que, para as mulheres que já haviam casado, talvez seu objetivo maior fosse agradar o marido e conservar seu matrimônio. Para as que ainda não eram casadas seria necessário, da mesma forma, manter uma boa aparência, isso se possivelmente almejavam um dia assumir o papel de esposas. O texto da poetisa citada, é revelador de alguns os elementos aqui citados:

Meu velho companheiro / Fiel e verdadeiro / por que és tão exacto [sic]/ Quando ao mirar-te mostra-me o retrato? / Tua sinceridade / Quando pezar [sic]me faz! / Olha, entre nós humanos, a verdade já não usa mais. / Se não nos enganassem / Nos haviam de dar tanto desgosto. / Causa tanta descrença / Como sinto em ti? Vejo meu rosto / Se queres fazer bem / Engana-me também³⁸.

³⁸ *A República*, Natal, p. 30, 08 fev 1921.

Em alguns momentos de seu poema Carolyn Wanderley parece reescrever códigos de uma moralidade social que a sociedade estava passando no momento que escreveu seu poema “Olha, entre nós humanos, a verdade já não se usa mais ”³⁹

Se havia um pedido para que sua imagem não fosse refletida tal como era na realidade, Carolyn Wanderley inscreve-se em seu poema em diversos momentos. Em alguns trechos de seus versos a poetisa traça subjetivamente um paralelo entre uma realidade que existia entre os seres humanos e a que possivelmente pudesse existir com sua imagem refletida no espelho, neste momento a poetisa parece percorrer caminhos que lhe levasse a acreditar em um ideal de beleza e juventude que estava estabelecido socialmente, ou seja, a juventude denotava beleza. Se a inexatidão de sua imagem refletida pelo espelho, lhe faria sentir-se melhor, parecia mesmo que acreditar em um ideal de beleza que lhe conferisse traços belos e juvenis lhe faria mais realizada fosse enquanto poetisa, fosse enquanto mulher.

Representando um determinado grupo de mulheres que pertenciam à alta burguesia da cidade, assim como mencionado, o discurso acima abordado demonstra que, estivesse ligada a uma realidade que favorecia aos conservadores burgueses da época, alguns discursos vinham para fortalecer e ilustrar tais grupos, que almejavam que a mulher continuasse longe de protestos reivindicativos por direitos de emancipação. O artigo acima ilustrava diferentes públicos que tinham acesso às publicações do *A República*, ou seja, possivelmente mulheres cultas, formadas nos mais formais padrões educacionais da época, podendo ser vista como intelectuais, mas ainda com atitudes submissas, quase sempre, frente a um marido dominador e ditador de regras que deveriam ser modelos e seguidas por elas.

³⁹ *A República*, Natal, p.30, 08 fev 1921.



Entre notas e textos que faziam referência à beleza e a figura do feminino, nos chamou atenção um artigo que apareceu na coluna intitulada *Subtezas Femininas*. Escrito na mencionada coluna periódica esse artigo, editado em 1921, revela que com o passar dos anos, o público e as crônicas que se voltava a escrever sobre assuntos ligados à aparência feminina, assim como o artigo escrito por Carolyn Wanderley em 1917, analisado anteriormente, em nada mudaram, ou mudaram muito pouco. Isso revela que a mentalidade de uma época muda muito lentamente.

O artigo de autoria da poetisa Palmyra Wanderley mostra-se sugestivo ao estabelecer um diálogo com um cronista ou um representante deste, o que talvez tenha relação com a forma pela qual a indiscrição masculina, de forma desagradável, desvalorizava a beleza ou “*subteza*” da figura feminina, atribuindo-lhe errôneas idades, quando diz

A mulher tem três idades – A que tem realmente, a que devia ter e a que parece ter.

Na elegante recepção de Mne. A, onde se reúnem, mensalmente, os intelectuais da terra, para uma visita ao que ella[sic] possui[sic] de artigo moderno, de profundo e superficial, na luxuosa biblioteca, pude gravar na memória o que ouvi de uma jovem poetisa, quase ao ouvido de um chronista [sic]da moda.

Meu amigo, dizia ella[sic], há uma coisa na vida da mulher mais grave do que o desprezo. Coisa essa por ella [sic]nunca perdoado : É a maldita indiscrição dos homens a respeito de nossa idade [...].

Eu no entanto, renunciaria a belleza[sic] que porventura me fosse atribuída, todas os dotes com que a natureza me podesse [sic]agraciar, para reclamar do tempo e dos preciosos collecionadores [sic]de intelligencias[sic], tão apressados em nos querer mais velhas, o direito legitimo de gozar por muito tempo ainda, dentro dessa joalheria. Fulgurante a idade de ouro, que é a minha, que é a sua, meu jovem amigo, que é a nossa ; Longe, bem longe da idade[sic] feia que você m’a deu, mas que você não m’a crê⁴⁰

O diálogo estabelecido no texto acentua a segurança da autora do discurso, quando parece dirigir-se a um público masculino. Num momento inédito a poetisa parece revelar, no

⁴⁰ *A República*, Natal, p. 195, 11 set 1921.

desenvolvimento do discurso, aspirações com relação à vida e sua trajetória. Revela que não estava preocupada com a beleza que poderia ou não lhe ser atribuída. O que aparece nitidamente nesse texto é o caráter e o perfil das mulheres que faziam parte de uma elite burguesa da época na cidade do Natal, ou seja, talvez o ideal de uma mulher moderna, que podia até escrever sobre tal assunto, ligado ou não a conceitos estéticos, mas que guardava com ela a individualidade e a necessidade de manter uma opinião pessoal sobre assuntos diversos.

Muitos artigos encontrados nas colunas do *A República*, de autoria da poetiza Palmyra Wanderley revelam, de certo modo, uma mulher que “cabia nos padrões sociais da época”. Palmyra mostrava-se favorável à conservação de uma mulher “pautada nos valores sociais” de seu período.

Muitos dos artigos, encontrados no jornal pesquisado, eram assinados por Palmyra Wanderley. Em muitos momentos da pesquisa notamos o quanto essa poetisa foi importante no que se refere às publicações advindas do feminino naquele momento. Palmyra não só publicava poemas, como também artigos que sugeriam verdadeiras conferências, nos quais parecia assumir lugar de destaque. Utilizando-se de suas habilidades enquanto “oradora”, conduzia tais eventos e recebia muitos elogios por sua atuação.

Fosse escrevendo nas colunas dos jornais da cidade ou fora do Estado ou elaborando discursos políticos que viessem a reger cerimoniais ou eventos de relevância cultural na capital natalense, Palmyra Wanderley sempre teve seus textos em lugar de destaque nas publicações do *A República*. Encontramos, inclusive, notas que afirmavam seu prestígio social e cultural, exaltando com isso sua habilidade intelectual e sensibilidade poética.

Seus textos revelam uma poetisa preocupada em enaltecer as belezas naturais de sua cidade natal. Percebe-se claramente que sua preocupação maior era traduzir em seus escritos os

rios, lagos, fauna e flora de sua região. Assuntos urbanos ou polêmicas acerca dos direitos das mulheres não faziam parte do seu repertório. Não obstante, seus textos retratam situações presenciadas ou vividas por ela e seus discursos revelam uma mulher culta, ligada às questões sociais e também a diferentes fatos de uma realidade social que não era a sua, mas que ela sabia retratar perfeitamente, como o artigo escrito no segundo semestre de 1916, intitulado *Lavadeiras de minha terra*, que revela traços da regionalidade da escritora, o que se pode constatar no trecho onde diz

Pela manha, seguindo a mesma estrada,/ Machucando as juremas dos caminhos / Num farfalhar de passos, na folhada / Vão despertando os lindos passarinhos /No coradoiro[sic] a renda prateada / cobre de leve a grama entre os espinhos.. / Ao brando murmúrio da levada / Noivam-se as aves construindo ninhos. / [...] ⁴¹.

Assim, enquanto escritora e poetisa, Palmyra sempre teve a preocupação de construir seus textos abordando as paisagens que certamente figuraram sua infância e juventude e essa era sua principal característica. Além disso, apesar da influência parnasiana que predominava no período, a poetisa se mostrou fiel aos seus princípios, conceituações estéticas e mesmo morais.

Em suas publicações surpreendia, apesar de toda influência de padrões lingüísticos do período. Destacava-se por manter seu traço característico de “escritora nortista” e parecia não abandonar seu estilo próprio. Certamente essa característica a diferenciou das demais escritoras do período e lhe rendeu o título de “maior poetisa do norte”.

No período aqui estudado, assuntos políticos pareciam ser exclusivos dos homens. Nas colunas do *A República*, de todos os artigos encontrados relacionados à política, pouquíssimos eram escritos ou assinados por mulheres. Entretanto, no decorrer da pesquisa, surgiu um “extenso e fervoroso” artigo, de autoria da poetisa em análise, no qual discursava utilizando-se de seu

⁴¹ *A República*, Natal, p. 258, 18 nov 1916.

“refinamento literário” em prol dos “atos comemorativos” do quinto aniversário do governo Ferreira Chaves. Esse artigo também foi utilizado nesse trabalho como meio de conhecermos um pouco mais sobre a escritora, assim como a imagem do feminino que ficou sugerido em seu discurso.

O texto talvez não surpreenda pela presença de constantes elogios que são proferidos pela poetisa à figura do então governador Ferreira Chaves, pois tal ato seria esperado do orador que estivesse proferindo a cerimônia, independente de posições que assumisse. Enfim, o texto torna-se propício para análise porque Palmyra Wanderley apresenta o comportamento e a possível visão que teria a mulher frente aos assuntos que se ligassem à política do país.

Assim, esse discurso é um documento importante para esse ponto da pesquisa, uma vez que revela a visão de mundo que as mulheres ou, pelo menos um grupo delas, tinham acerca de assuntos políticos e das transformações culturais, que estavam ocorrendo no país naquele momento.

O discurso em análise, não só possibilitou a interpretação de uma determinada visão do social por parte de um grupo de mulheres – que representavam e compunham uma realidade econômica privilegiada da cidade – como nos permitiu constatar que o papel da mulher não era apenas a construção do bem comum, mas também o de estar consciente de um discurso que acenava para o público feminino e, com isso, seguir condutas de comportamentos éticos e morais, que fossem ideais para terem e seguirem como modelo.

Em uma realidade na qual as mulheres já passavam a fazer parte do mercado de trabalho e assumiam funções que lhes foram negadas até então, as mulheres pareciam acentuadamente conquistar um efetivo espaço público, haja vista, que os estigmas e todo um discurso moralista não paravam de acenar para as “recatadas damas”. Isso nos faz lembrar que a conquista efetiva de participação das mulheres no espaço público não foi tarefa fácil, como já mencionado, mas sendo

sim um processo lento e gradual de mudanças e transformações. Se por um lado havia um discurso que aceitava e incentivava a presença das mulheres no espaço público, por outro ainda havia outros apelos divergentes que acabavam banindo a presença feminina dos espaços que sempre lhes foi negado. Quanto a este debate a escritora Margareth Rago, estabelece uma linha de raciocínio bastante contundente e necessária, acerca do assunto aqui abordado, quando afirma que

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas jornadas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize⁴².

Tomando por base a seleção de alguns trechos do discurso analisado aqui, observamos que Palmyra Wanderley utiliza toda sua habilidade lingüística ao posicionar-se favorável ao governo de Ferreira Chaves, que recebe da poetisa os mais “ilustres elogios”, tanto no que se refere ao seu cargo quanto por sua posição de cidadão que assumia na defesa da melhoria de vida à população economicamente menos favorecida. Enfim, no fechamento do discurso, Palmyra volta a acentuar a administração daquele governo, assim como profere os agradecimentos finais, encerrando o evento, como se pode constatar nos trechos que seguem

A mulher está sempre ao lado dos bons movimentos e quando não triumphá [sic] pela força, vence pela prece; e não triumphando [sic] pelas armas, vencerá pelo amor. A causa da liberdade, que é a causa de Ruy Barbosa, é a causa da Democracia que é a causa de V. Excia[sic], que uma phalange [sic] de mulheres norte-riograndenses[sic], num gesto carinhoso de justa admiração e de reconhecimento aqui se acha, homenageando o governo de V. Excia[sic].

⁴² RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. p. 63.

Que matisado[sic] de flores seja o caminho por onde V.Excia[sic] há de trilhar no evolver do anno [sic] que hoje começa e que os espinhos que quase sempre pontuam as hastes verdejantes, transformem se em outros tantos tropheus [sic] de victorias [sic] políticas e sociais, no anniversario [sic] do governo que o povo, hoje, solenemente commemora [sic] para alegria dos amigos de V.Excia[sic], para orgulho do partido de V.Excia[sic], para gloria do nome de V.Excia[sic]⁴³.

Observemos que em seu discurso Palmyra Wanderley em diversos momentos define e analisa a imagem e a posição ideal que as mulheres deveriam seguir. No discurso é possível identificarmos um modelo feminino onde as mulheres entrariam como guardiãs dos bons movimentos, ou seja, sempre estariam prontas para lutar em favor de causas “nobres”, com um diferencial, que se encontraria no fato de suas lutas serem conquistadas não apenas pela força, mas sim por sua fé e seu afeto. Entraria um apelo que parecia afirmar: as mulheres cidadãs devem se ligar a religião e ao amor, o que em diversos momentos parecia se traduzir : as mulheres devem esquecer de vencer batalhas através das armas, afinal são frágeis e delicadas para tais conquistas. O feminino parece mais uma vez ficar estigmatizado em uma imagem de “fragilidade e renuncias”.

Não se sabe ao certo se Palmyra Wanderley falava como representante de um determinado grupo de mulheres ou se a conferencista proferia as palavras que a classe dos dirigentes políticos almejava ouvir, certamente essa segunda hipótese nos parece mais aceitável. Não apenas enaltecendo a figura de um representante político da época, o discurso de Palmyra revelava um certo conformismo por parte de um determinado grupo de mulheres que estavam ligadas a uma realidade cultural e intelectual da época.

Ter seus escritos dedicados a uma segunda pessoa foi o que em alguns momentos verificamos nos textos das poetisas Carolyn e Palmyra Wanderley. Atribuir e dedicar seus

⁴³ *A República*, Natal, p. 230, 08 nov 1918

versos a alguém que lhe era importante e que possivelmente lhe conhecia, parecia ser algo comum entre as escritoras que tinham seus poemas publicados no *A República*. Vejamos as análises dos poemas que se seguem, onde Carolyn Wanderley dedica um texto a sua prima Palmyra Wanderley e esta, por sua vez, dedica um discurso a uma amiga, Maria Eugenia de Affonso Celso. Os dois textos, possibilita percebermos a sugestão de modelos de uma “mulher moderna”, que ficam sugeridos pelas falas de Carolyn quanto a Palmyra e por esta quando a senhora Maria Eugenia de Affonso Celso. Vejamos as análises.

Publicado em 1918 dedicado a sua prima Palmyra Wanderley, como mencionado, os escritos de Carolyn, pareciam revelar: Palmyra Wanderley mostrava-se uma mulher realizada, realização esta que Carolyn Wanderley parecia estar na tentativa de encontrar “Há dias busco ansiosa [sic] / De tua alma o mysterio[sic] desnundar[sic] / Esta minha anciedade [sic] tormentosa / Sinto cada vez mais se avolumar / Em teus olhos divulgo / A luz branca do luar que se irradia/ [...]”⁴⁴

Através dos escritos de Carolyn Wanderley, poderia o leitor se perguntar: quem seria e como seria Palmyra Wanderley? Certamente pelas falas de Carolyn, uma mulher que já havia encontrado atividades que lhe sugerisse realizações: “Em teus olhos divulgo / A luz branca do luar que se irradia / Ver a própria alegria!”⁴⁵

Procurar uma felicidade que foi perdida, sugerir possíveis reencontros futuros com um amor que um dia estivesse partido, eram temas encontrados nas poesias de Carolyn Wanderley. Quando escreve sobre Palmyra Wanderley a poetisa inscreve-se nas linhas dos seus versos:

“Tenho inveja de ti porque não choras / porque de sonhos róseos [sic] e despertos [sic], / [...] /, As rimas de teus versos / Tua musa de risos se engrinalda / como noiva que sonha / Nella [sic] fulgem lampejos de esmeralda / Emquanto[sic] a minha, que o pezar[sic]

⁴⁴ *A República*. Natal, p.11, 14 Jan. 1918.

⁴⁵ *Ibid.*

contrista / Revestiu-se do roxo da amethista [sic] , / Como viúva tristonha ![...]”⁴⁶

Nos versos de Carolyn Wanderley fica dito que Palmyra Wanderley era uma mulher que não chorava, com isso tinha segurança de seus atos, falas e que em seus sonhos se realizava, enquanto de forma reversa, na vida de Carolyn Wanderley parece que o “sonho da felicidade” passava distante. Seus versos comprovavam que os escritos femininos eram identificados com falas e idéias que atribuía as poetisas uma áurea de tristeza. Em diversos momentos, as poesias femininas questionavam a existência da felicidade, assim como a presença e ausência desta.

Carolyn Wanderley em seus versos inscreve-se e sugere ao leitor pensar que seria uma mulher que sofria pelo um amor que um dia apareceu na sua vida. Sugere em quase todos os seus poemas publicados a idéia da existência do “amor romântico”, em diversos momentos, assim como analisamos, mostra serenidade ao criar seus versos e com isso lhe tenha atribuída a uma imagem de uma jovem romântica com acentuada sensibilidade poética.

Voltando a análise do artigo, Carolyn Wanderley chega a descrever as possibilidades imagináveis pelas quais Palmyra Wanderley diferenciava-se das outras jovens da época, sugerindo pensar os diversos motivos que justificariam a felicidade da poetisa:

“Advinho [sic], talvez por que vives assim / Nesse floreo [sic] estendar [sic] de venturas sem fim / Quem sabe ? Tens agora agassalhado [sic] / Como ave em quente ninho, / Novo sonho dourado / Em tua alma de arminho / Uma illusão [sic] que encerra a fulgência do sol / E as cores do arrebol / A luz de uns outros olhos / Sobre os escombros de teus sonhos extinto [sic] / Bemdicto [sic] seja o amor que a descrença suplanta / Feliz da alma que canta ! [...]”⁴⁷

⁴⁶ *A República*. Natal, p.11, 14 jan 1918.

⁴⁷ *Ibid.*

Pelas falas de Carolyn a possível felicidade de Palmyra Wanderley se justificava pela presença de um novo e possível amor. Percebemos que esse tipo de idéia, ou seja, de que a mulher só estaria realizada com a possibilidade de encontrar alguém que a amasse seria algo bem característico da década de vinte. Casar em alguns momentos, seria a chave para ser aceita na sociedade, em quase todos os casos, as jovens eram confiadas a matrimônios com um cônjuge bem mais velho, assim como mencionamos quando abordamos a biografia de Palmyra Wanderley, enfim para as mulheres eram atribuídas obrigações as quais deveriam ter total domínio. Entre cuidar do lar, chamar para si todas as responsabilidades com filhos e marido, seria uma tarefa que exigia um preparo desde cedo, o que certamente justificava uma educação doméstica, que preparava as moças para serem donas de casa, assim era a educação ministrada em alguns institutos da cidade, como o da Escola Domestica de Natal.

Encontrado na já mencionada coluna *Subtlezas Femininas*, o artigo que entra em análise, também dedicado a uma segunda pessoa, assim como o texto anterior de Carolyn Wanderley, este chama a atenção pelo seu título, *A mulher Moderna*. Editado em Outubro de 1921, de autoria de Palmyra Wanderley, se refere à atuação de uma outra poetisa, Maria Eugenia de Affonso Celso, onde está proferindo um discurso em uma de suas participações no *Centro Social Feminino do Rio de Janeiro*, deixa passar uma mentalidade “conformista” por parte de um grupo de mulheres, que aceitavam ser moldadas nos padrões morais que seriam modelos da época. O discurso da senhora Maria Eugenia de Affonso Celso, abordado e elogiado por Palmyra Wanderly é mistificador de idéias, quando faz referência aos padrões sociais e condutas éticas, bem como à função que cabia à mulher seguir na sociedade, de acordo com discursos conservadores deste período.

Para todas as mulheres, sem diferença de Categoria e de nível social, a casa não deve ser a prisão e sim o ninho. O seu mister dentro do lar é tornar leve ao marido e aos filhos o jugo de sua autoridade e florir de graças animas a risonha soberania de seu espectro. Na sociedade com a transformação dos costumes, o seu se firmou, tornando-se mais combativa e mais importante. A guerra nos veio ensinar que o evangelho mansamente já nos ensinara que ninguém tem mais direito de viver só para si. É preciso servir, trabalhar pelo alheio, colaborar [sic] por menos que seja nas obras sociaes [sic], lançar a sua pequena pá de terra na consolidação e no adiantamento do grande edificio do progresso Nacional para este serviço, minhas senhoras, a brasileira [sic] necessita lição de civismo⁴⁸.

Maria Eugenia de Affonso Celso em diversos momentos inscreve-se em seu discurso. As mulheres apareceriam como guardiãs e protetoras de um “lar divino”, dentro do qual se realizaria pessoal e socialmente. Em seu texto surge a imagem de mulheres compassivas e que se igualariam social e culturalmente quando exerciam dentro do lar a primordial função de “tornar leve ao marido e aos filhos o jugo de sua autoridade.”⁴⁹

Falar de lição de civismo, colaboração com obras sociais e do evangelho, que serviria para ensinar a mulher a adotar comportamentos éticos, a servir e abster-se de qualquer conduta egoísta, parece-nos a maneira que Maria Eugenia utilizou para fazer apologia à idéia de que o lugar da mulher seria mesmo na esfera privada, talvez não por questões sociais ou religiosas, mas do ponto de vista ético e moral. Indiferente a qualquer ato emancipativo, em alguns momentos a conferencista analisa e classifica as mulheres conceituando-as em diferentes classes sociais, enfim, aborda seus conceitos de emancipação. Maria Eugenia, segundo o texto de Palmyra Wanderley, aborda e conceitua o que seria a “mulher emancipada”, de acordo com a visão de um discurso conservador, conforme se pode observar abaixo:

A mulher emancipada na sua intelligencia [sic] pela sua instrução e no seu caráter pela sua altiva consciência de seu valor e do seu dever, existe entre nós.

⁴⁸ *A República*, Natal, p.219, 09 out 1921.

⁴⁹ *Ibid.*

É a mulher professora, enfermeira, operaria, artista, empregada pública, a mulher que escreve, a mulher dona de casa, a mãe de família, a mulher que trabalha não para si e para seus, mas ampliando o seu horizonte pela caridade bem entendista[sic], trabalha também pelo alheio.... modesta ou brilhantemente, a mulher foco de todas as benções fructificadoras[sic] da bondade, centro irradiante de energia eficaz[sic], principio orientador do todo progresso, fonte e paz, de conforto e de felicidade. É a companheira verdadeira do homem moderno, esclarecida, independente e resoluta como elle[sic], collaborando[sic] com elle[sic] na mesma tarefa dignificadora[sic] e fecundal[sic]⁵⁰.

Enquanto esclarecida e independente, a mulher, no discurso de Maria Eugenia, só aparecia ao lado de seu cônjuge, o que nos faz pensar que o conceito de emancipação feminina, na concepção da conferencista, consistia na tarefa de entregar-se e seguir a sua vocação de esposa-mãe-dona-de-casa, negando todo e qualquer ato que a destituísse do papel de guardiã do seio e da conduta familiar.

Descrevendo a participação da conferencista em análise, Palmyra Wanderley a elege como uma mulher culta, sensível e intelectualmente privilegiada. Em seu texto a poetisa classifica Maria Eugenia como participante e desmistificadora de um falso e revolucionário feminismo. Assim a senhora Maria Eugenia de Affonso Celso seria um padrão de mulher intelectual "belletrista" a ser respeitado e seguido, no entanto não devemos deixar de observar que Palmyra Wanderley também se inscreve no discurso de Maria Eugenia, quando menciona o modo o qual Maria Eugenia discute idéias de um "falso feminismo revolucionário", aparece a idéia que aponta a definição de um "bom feminismo" :

O critério com que ella[sic] aborda o melindroso thema[sic], encarado atravez[sic] da falsa visão do feminismo revolucionário e orientado na direcção[sic] do bom feminismo. A unidade de vistas que envolve a sua elevada observação, tudo isto revela na senhora Celso Mendonsa qualidades que a soberana no assumpto[sic] sobre que discorreu⁵¹.

⁵⁰ *A República*, Natal, p.219, 09 out 1921.

⁵¹ *Ibid.*

Em linhas gerais o discurso de Maria Eugenia parece estigmatizar as mulheres em figuras passivas, prontas a abster-se de toda e qualquer conduta egoísta, colocando-se ao trabalho do bem comum, o que ligava as mulheres às atividades de caráter filantrópico, onde deveriam encontrar suas realizações e vocações.

Apesar da maioria das publicações que apareciam no *A República* serem da autoria das poetisas Palmyra Wanderley e Carolyn Wanderley, também foi possível encontrarmos, ao longo da pesquisa, outros escritos e “faces femininas”. Encontramos um artigo, editado 1919, intitulado *No Sereno do Natal Club* – tendo seu discurso também construído na forma poética e dentro dos padrões lingüístico do período – assinado pela poetisa Aurora Freire. Trazendo uma linguagem relativamente inovadora, talvez denunciada pela natureza do seu discurso, por sua linguagem, Aurora Freire também parecia ter recebido uma boa formação educacional. Seu artigo foi publicado no segundo semestre de 1919 e, quando analisado sob um olhar retrospectivo, nos permite reconstruir um dos eventos mais aclamados da época: as festas dos salões nobres do *Natal Club*, que mobilizavam moças e os rapazes da capital natalense. Quando descreve um “*bello postal*”, dá indicativos de que, na realidade está referindo-se a um “*bello rapaz*” que encontrara nos salões do *Natal Club*. Naquela época, este era um dos locais onde se reunia grande parte da sociedade burguesa da cidade. O *Natal Club* parecia ser um lugar onde se reunia os curiosos, as belas moças e os rapazes que figuravam na sociedade natalense do início dos anos de 1920. Com isso, inferimos que inúmeros romances tenham começado naquele lugar, que provavelmente foi construído com tal propósito, já que no *Natal Club*, não só figurava grandes eventos sociais mais também acolhia as festas mais juvenis da cidade.

Aurora Freire, no desenvolvimento do seu texto, imortaliza a visão das moças do período, reconstruindo a possível idéia que se tinha de “um amor romântico”, o que faz deduzir que, na busca do par perfeito também estava a saída que emoldurava os sonhos das moças da época, uma vez que o discurso “silencioso” da intelectualidade burguesa anunciava o casamento como uma necessidade quase primordial na vida das mulheres. Assim, encontrar o par perfeito seria um dos sonhos das jovens damas que freqüentavam os salões nobres do *Natal Club*. Vejamos trechos do poema de Aurora:

Eis um bello[sic] postal, meu perfilado. / - Olhos azuis, pequenos, penetrantes / Bocca[sic] regular, lábios fascinantes, / Um tipo, emfim[sic], correcto[sic] e delicado. / Ao vê-lo assim, austero, impertigado[sic] / No capricho as formas elegantes / De ser por uma jovem conquistado. / E entuziasmado[sic], altivo e poderoso / A mim já me disseream[sic] que é orgulhoso / Mas essa Idea[sic] e vã, falsa e fingida. / Vendo-o de branco, eu penso um alvinitente[sic] / Cysne[sic] a nadar no lago transparente / Das níveas iluzões[sic], sorrindo à vida⁵².

Em várias passagens do poema acima citado, é possível identificarmos também como a poetisa possibilita ao leitor perceber como estava definido a imagem masculina, nos escritos femininos, assim Aurora Freire definia possivelmente um homem “bello” e atraente : “ Eis um bello[sic] postal, meu perfilado./ - Olhos azuis, pequenos, penetrantes,/ Um tipo emfim [sic] correcto[sic] e delicado”⁵³ . Em alguns momentos a poetisa parece sugerir e caracterizar a imagem de rapazes que seriam modelos ideais, com quem uma jovem deveria noivar e possivelmente chegar ao matrimônio, assim, como se denominava as moças da época como as “moças casadoeiras”, estes rapazes por sua vez seriam os ditos “rapazes casadoeiros”. No poema Aurora Freire inscreve o tipo físico masculino que certamente atraia as jovens da época, sendo assim fica sugerido o tipo de beleza que um grupo de jovens idealizavam encontrar nos rapazes

⁵² *A República*, Natal, p. 165, 30 jul 1919.

⁵³ *Ibid.*

da época, assim fica também sugerido que para atrair as moças os rapazes deveriam também saber se vestir elegantemente e ter nos seus atos, falas e gestos formas elegantes e “delicadas” de se “abordar uma dama”.

Estivesse ou não reconstruindo um discurso ou seguindo os padrões estéticos do período, o poema de Aurora Freire possibilita uma volta ao passado não tão distante e permite conhecer, ainda que parcialmente, os valores culturais e estéticos do início da década de 1920, o que no âmbito de nossa pesquisa vem acrescentar uma melhor visão do período aqui abordado.

Assim, como sugere o texto de Aurora Freira, no decorrer do período em análise foram encontrados diversos artigos que nos revelavam a leituras de novas escritoras, possibilitando novos encontros e ajudando a tentar “decodificar” as sensibilidades múltiplas das poetisas que tinham seus textos publicados no *A República*.

Olda Avelino também fez parte deste seleto grupo de escritoras que conquistou espaço de escrever e ter seus escritos publicados na imprensa. Início do ano de 1917, encontramos um texto seu, que favoreceu consideravelmente à nossa pesquisa, ao revelar um discurso sereno, quase nostálgico. Olda Avelino, ao que tudo indica, também construía seu discurso recorrendo a uma linguagem que primava pelo lírico poético da época. Reconhecemos na sua poesia ou, mais precisamente, nesse poema, o tom lírico utilizado pelas poetisas que escreviam no final da década de 1910.

O texto fala de um momento de partida, o discurso da escritora sugere saudades e seus versos refletem um momento de despedida, o que é possível perceber quando a autora lamenta sutilmente por uma perda:

Das montanhas azuis, do firmamento em prece / O sol manda um adeus em triste despedida / Enquanto[sic] a natureza assiste commovida[sic] / A syncope[sic] fatal do dia que fallece[sic] / O momento é solemne[sic] , a causa indefinida, / A 'sombra de outra vida

tudo estar parece / A terra é de um lilaz[sic] intenso revestida / O mar é qual gigante que adormece / Ao meu ver o sol busca um mundo além do nosso / O peito meu soluça e repremir[sic] não posso / Um ai que se compara aos lúgubres harpejos[sic] ... / Já não palpita mais o coração do dia!.../ Se estende em meu olhar cruel melancolia, / [...] o descambar do sol dos meus desejos⁵⁴.

A poesia de Olda Avelino nos possibilita reafirmar que a forma de escrever permitida às mulheres na década de 1920, ainda estava presa a conceituações estéticas que se revelavam envoltas nas metáforas sugeridas pelas autoras, enfim a imagem do feminino que fica sugerido nos versos da poetisa encontrava-se na figura de jovens damas que tinham o romantismo como uma de suas principais características, era recriada a todo tempo a idéia de que as mulheres pareciam necessitar e ter o romantismo como fator que lhe distinguia dos homens, ser romântica certamente para as mulheres, seria mais um estigma que talvez lhe atribuísse a imagem de feminilidade, enquanto figura bela e maternal.

Escrever, polemizar, soltar as “amarras sociais” – tão fortemente colocadas, talvez não nos punhos das escritoras, mas em suas almas – que deixavam a solta “os anjos da prudência”; amarras que insistiam em controlar o feminino e lhe destinar o mesmo batido papel de dona de casa e a imagem de mulher “equilibrada e compassiva”, devota e sempre pronta a desempenhar a função da “maternagem”. Na obscura dicotomia que respeitava códigos e teimava afirmar que a mulher era “o sexo frágil”, restava entender e encontrar tal fragilidade. Enfim, fica sugerido a análise: o que as mulheres realmente ousavam pensar, talvez não tiveram chances de evidenciar em seus escritos, uma vez que o discurso masculino parecia ser mais forte e por vezes pareciam calar e moldar os escritos femininos.

Margareth Rago bem ilustra o discurso óbvio que acenava para as mulheres que ousaram sair dos espaços que lhes foram reservados. Mulheres como Palmyra Wanderley, Carolyn

⁵⁴ *A República*, Natal, p. 14, 12 jan 1917.

Wanderley e tantas outras que tiveram seus discursos moldados e “silenciados”, talvez por não pertencerem nem possuírem os códigos de “nobreza” que tinham as poetisas citadas.

Entre as análises dos escritos femininos surgem inquietações: essas mulheres escreviam, inscreviam-se ou eram moldadas a escrever? Várias indagações aparecem, que traduzindo nos levam a pensar: a imagem do feminino na década de vinte ainda estava ligada a imagem da mulher compassiva, devota e submissa, enfim os escritos femininos em diversos momentos traduziam essas imagens, no entanto, também denunciavam que nem todas as mulheres deixavam-se prender a estes esteriótipos. Em linhas gerais analisamos que: fosse direta ou indiretamente houve um espaço reservado às mulheres que “ousaram” deixar marcas personificadas em suas escritas na imprensa norte-rio-grandense, no entanto, assim como nos lembra a escritora Norma Telles quando aborda um discurso que esteve presente, mas discute os conceitos críticos que se voltavam para as escritoras do século XX, quando afirma que

Na verdade, em meio a elogios, os críticos embutiam uma censura à mulher que ousava escrever e se meter em lutas políticas. “Frágil e gentil” é um qualitativo que desqualifica, na medida que reserva a “esfera adequada” para a poeta a do sentimentalismo-chão. Ao mesmo tempo, “gentil” cria uma categoria à parte, a autora não é dita profissional ou amadora, mas mulher⁵⁵.

Enfim, as análises feitas nos sugere: escrever livremente ainda era uma realidade distante, entre os escritos das poetisas que encontramos nas primeiras décadas do século XX. Uma moral burguesa parecia clamar por mulheres que primassem por uma linguagem lírica, o que lhes atribuía formas mais suaves de escrever ao alcançar “a pena e o papel”, os escritos femininos deveriam sempre seguir regras morais e dos bons costumes, que pareciam ser impostas, porém no decorrer da pesquisa constatamos que essa escrita foi se modificando na medida em que a

⁵⁵ TELLES, Norma. Escritoras, escritas e escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. p. 423.

mulher foi, timidamente, conquistando seu espaço na sociedade, conquista que parecia ser traduzida em seu ato de escrever ou simplesmente inscrever-se nas linhas de seus versos.

CAPÍTULO III: SER ESPOSA, MÃE E DONA DE CASA : OS ESCRITOS

MASCULINOS DEFINEM IMAGENS DE MULHERES :

Pensar o feminino pela ótica masculina é um exercício que requer uma reflexão acerca da relação de gêneros e seus conflitos, que no decorrer da história, muitas vezes, se deram de forma imperceptível, no que se refere aos códigos de conduta, normas éticas e regras de moralidade, que estabelecem e determinam o lugar do masculino e do feminino.

À luz das conceituações teóricas acerca dos estigmas sociais que vitimaram as mulheres ao longo da história, o antropólogo francês Pierre Bourdieu nos apresenta conceituações que simbolizam e retratam os estigmas sociais que se voltaram à figura do feminino, no transcorrer da história. Indicando, com isso, que a dominação do masculino não foi algo formado com o surgimento de uma modernidade ou que eclodiu com o advento de novas mutações ou aculturações dentro de uma cultura universal. O processo de dominação masculina sobre o feminino se estabeleceu desde os tempos mais remotos; dominação que acabou atribuindo à figura do feminino a imagem distorcida e completamente equivocada, no que se refere às suas reais possibilidades de serem e pensarem enquanto agentes construtores e reformadores dos fatos e eventos notáveis na história. Pierre Bourdieu, embasado em formulações e experiência empírica, defende que

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas a reprodução biológica e social da descendência, atividades (principalmente maternas) que, mesmo quando aparentemente reconhecidas e por luzes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas as atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens⁵⁶

⁵⁶ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. p. 116.

O antropólogo vai mais além e complementa sua linha de raciocínio quando conceitua e exemplifica os possíveis estigmas sociais e culturais que se formaram acerca da figura do feminino, contribuindo para desmontar uma imagem de mulher que fosse interessante e talvez favorável ao público masculino, seja enquanto formadores ou dominadores de toda uma formação cultural, quanto referente a sua trajetória ao longo da história. Assim, Bourdieu afirma que

Por um lado, qualquer que seja sua posição no espaço social, as mulheres tem em comum o fato de estarem separadas dos homens por um coeficiente simbólico negativo que, tal como a cor da pele para os negros, ou qualquer outro sinal de pertencer a um grupo social estigmatizado, afeta negativamente tudo que elas são e fazem, e está na própria base de um conjunto sistemático de diferenças homologas⁵⁷.

Conceituar é uma tarefa que exige uma capacidade de percepção apurada por parte do historiador. Analisar também é um exercício impossível sem uma fundamentação teórica e científica por parte do agente que se coloca a realizar tal tarefa. Estabelecer um diálogo com as fontes – no nosso caso, com as publicações do jornal *A República* – se define e se encontra nas minúcias desta prática. Nesta parte do trabalho nos propomos a analisar os textos advindos do masculino que retratavam, definiam e conceituavam as mulheres norte-rio-grandenses. Procuramos considerar, além da assinatura dos textos encontrados, seu conteúdo, uma vez que diversos cronistas usavam pseudônimos para divulgar seu ponto de vista e suas conceituações do feminino que, em diversos momentos, foi ridicularizado e criticado, mas nunca apagado dos discursos masculinos. Estes, por vezes, até tentavam sugerir que tal assunto era secundário, mas nunca conseguiram estabelecer tal idéia, pois o feminino parecia transcender das linhas do discurso masculino e se fazer presente entre as conceituações que viessem ou não a surgir, fruto

⁵⁷ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. p. 111.

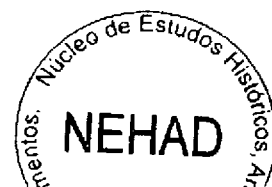
do discurso, às vezes ambíguos e contraditórios, de cronistas que se aventuravam a falar e tentar definir o feminino nas publicações do *A República*.

Conforme mencionado anteriormente, a seleção dos textos e artigos foi baseada no conteúdo dos discursos que encontramos, às vezes, envoltos em metáforas e construções lingüísticas que revelavam seus possíveis autores. Assim, analisamos também alguns textos “anônimos” que eram publicados no jornal aqui estudado.

Inicialmente seguiremos análises, de discursos masculinos que tentavam satirizar ou levantar questionamentos, por vezes contraditórios de se afirmar a superioridade masculina/feminina.

Artigo publicado em Junho de 1922 intitulado *Com vistas ao Feminismo*, é um exemplo do tom irônico com que, muitas vezes, os assuntos referentes ao feminino era abordado. Considerando a natureza de tal discurso pode-se inferir a autoria do texto. O discurso revela traços característicos de conceituações que tentavam definir o feminino e insistiam em restringir-lhe aos espaços privados da sociedade, isto é, ao lar ou aos ambientes que não permitissem a elevação ou evidência da figura das mulheres na sociedade, mas sim sua ocultação.

Entre afirmações, dados que revelavam estatisticamente ou previsivelmente a atuação feminina em uma determinada civilização no *coração do México*, o desenvolvimento do presente texto revela um discurso que sugere o possível fracasso das mulheres quando têm a responsabilidade de administrar ou assumir cargos e funções de comando. Logo, o texto menciona que os “*Acoma*”, nome dado a civilização que localizava-se no México, pouco a pouco extingue-se, o que se atribuiu ao fato de as mulheres terem fracassado ao assumirem a função administrativa ou quando tentaram igualar-se e ter as mesmas regalias dos homens, nos ditos “centros civilizados”.



O artigo torna-se uma interessante fonte de análise, quando nos incita a pensar que o texto poderia até não estar assinado, mas seu discurso denuncia sua autoria quando, sem “meias-palavras”, afirma que o feminino não estava preparado para assumir funções de mando e/ou comando. Revelando-se, assim, mais um discurso entre tantos outros encontrados que apresentavam idéias anti-feministas e que procuravam banir o feminino, distanciando-o cada vez mais do masculino, que continuava a ser favorecido na panorama político e social. Vejamos trechos do artigo abaixo e analisemos o discurso do cronista ao dizer

No centro de um imenso [sic] deserto de areia, no coração do México, eleva-se uma vasta planura que tem a altura de 198 metros e a extensão [sic] de 4.000.

.....
Habita ai um povo índio, os Acoma, cuja raça vai se extinguindo, dia a dia.

.....
Entre os Acoma, tribo de amazonas [sic], a mulher reina, dirige e ordena. É ella a proprietária. É ella[sic] que manda no lar. É ella[sic] que tem a direcção[sic] dos negócios públicos, pelo casamento, é ella[sic] que se dá o nome ao marido.

.....
O feminismo alcançou entre eles os Acoma a Victoria[sic] completa dos seus ideais. Foi mesmo além, conseguiu mais que a igualdade de direitos em relação aos homens, tomou-lhes as regalias todas de que gozam nos centros civilizados. Em compensação ... a raça vai-se extinguindo. É pena!⁵⁸.

Podemos notar em alguns passagens do discurso, citado acima, falas que denotam que o feminismo enquanto instituído traria desordem e desestruturaria os reais valores morais e sociais que já haviam sido conquistados pelos homens nos ditos “centros civilizados”.

Na tentativa de recriar uma retórica por vezes satírica, o discurso descreve todas as possibilidades possíveis e imagináveis que as mulheres, na civilização “Acoma” tiveram para conseguirem igualar-se aos homens, ao mencionar: “Entre os Acoma, tribo de amazonas [sic], a

⁵⁸ *A República*, Natal, p. 250, 18 jun 1922.

mulher reina, dirige e ordena. É ella[sic] a proprietária. É ella[sic] que manda no lar. É ella[sic] que tem a direcção[sic] dos negócios públicos, pelo casamento, é ella[sic] que se dá o nome ao marido. ⁵⁹

Porém o autor finaliza seu discurso, como notamos, com uma exclamação em que denotava o fracasso de uma civilização em que o feminismo predominasse, parece mesmo que o discurso que surge menciona “veladamente” ou “claramente” o fato de que: mulheres teriam nascido para exercer função submissas, ditadas pelo masculino, em momento algum de “mando” ou “comando”, ficando com isso, em diversos momentos, sugerido no discurso acima a superioridade do masculino / feminino.

Um outro artigo, publicado em 1924, em uma coluna intitulada *O que pensei ontem*, assinado sob o pseudônimo João Dantas Milanez, além de nos fornecer uma visão do período, permite também identificarmos um tom anedótico e, por vezes, quase cômico, que caracterizava o discurso da elite masculina burguesa sobre as mulheres que ainda não haviam se casado, ou seja, seria a possibilidade de mais uma vez, identificarmos discursos masculinos que satirizavam a figura feminina, fosse baseados em conceituações morais ou regras sociais que deveriam seguir as mulheres. Na nota reproduzida abaixo o próprio cronista comenta o incômodo que seus escritos causavam nas moças da época, quando diz

Acaba de chegar ao meu conhecimento pela bocca [sic] de um amigo leal e sincero, que as meninas de todas as idades desta feliz terra estão mal impressionadas a meu respeito, umas até iradas e dispostas a pedir providencias ao Governo contra o meu modo de trata-las e dellas [sic]dizer nas minhas chronicas[sic] tudo porque eu tenho pensado algumas verdades das mulheres do meu tempo⁶⁰

Como observamos o cronista inicia seu discurso sugerindo que suas crônicas revelam “verdades” sobre as mulheres do seu tempo. Essa afirmativa nos leva a questionar que “verdades”

⁵⁹ *A República*. Natal, p.250, 18 jun 1922.

⁶⁰ *A República*. Natal, p.102, 08 maio 1924.

seriam estas: possivelmente seria idéias embasadas na remontagem de um discurso moralista acerca da imagem ideal do feminino ou certamente a construção de conceitos deturpados que pareciam predominar na visão de alguns textos que tentavam definir o feminino. Enfim, o discurso de João Dantas pareceu-nos ser um texto importante por revelar códigos ligados ao pensamento masculino do período. Foi o que percebemos quando o cronista parece sugeriu idéias e colocou seu ponto de vista ao dizer que

Infeliz do homem que pensa. Infeliz do homem que, cheio de um espírito feito nos livros e na observação, cabe na imprudência de revelar ao publico os resultados de suas locubração [sic]! Mais infeliz do homem que, desviado da razão é entregue a cogitação fúteis[sic] e inócuas reserva alguma parte de seu tempo para occupar-se[sic] das mulheres, o assumpto[sic] mais indigesto em sciencia[sic], litteratura[sic], jurisprudência outras modalidades a saber⁶¹.

A reprodução desse trecho do artigo apresenta elementos de um “machismo secular”. Ao comparar as mulheres e afirmar que eram o “assumpto[sic] mais indigesto em sciencia[sic], litteratura[sic], jurisprudência [...]”, esse cronista nos leva a indagar em quais assuntos essas mulheres seriam aceitas pela visão masculina? Talvez em assuntos que lhes definia como “fraternais anjos do lar”.

Continuando seu discurso, o cronista parece perceber a necessidade de construir argumentações que motivassem um intelectual a escrever para o público feminino. Remontando a um texto quase sempre não tão obvio, por vezes contraditório, seu discurso parece arriscar uma resposta, ao dizer

Sei, porém, que o motivo principal do desvio do meu pensamento para as mulheres vem de me darem ellas[sic] muito o que fazer nas horas em que mais preciso estar longe

⁶¹ *A República*, Natal, p. 102, 08 maio 1924.

dellas[sic] e de dar lhes eu muito o que fazer nas horas em que ellas[sic] precisam estar longe de mim⁶².

Adotando uma retórica defensiva, o discurso de João Dantas parece não estabelecer limites para favorecer sua linha de pensamento, ao argumentar: “Ora até aqui justiça eu faço, tenho me preocupado[sic] seriamente com a sorte da mulher, desde a nossa menina de quatroze annos até à de cincoenta annos [sic] , [...]”⁶³.

O cronista vai ainda mais longe ao afirmar: “Não admitto[sic] que as meninas casadoiras, em cujo numero comprehendo[sic] somente as bonitas dentro de 14 e 25 annos[sic], (podem deixar de ser ricas, mas é melhor que o sejam) não admitto[sic], torno a repetir, que essas meninas se revoltem contra mim”⁶⁴.

E conclui, não esquecendo em acentuar suas qualidades e conferindo com estas afirmações o caráter cômico e satírico de sua retórica:

Não admitto[sic], porque o homem que eu sou é um homem capaz de realizar[sic] os sonhos da menina sonhadora mais exigente. Ellas[sic] não me conhecem, talvez seja por isso[...]. Em sua minoria as mulheres acham-me um rapaz bonito. A maioria, porém é de opinião que eu sou regularmente feio. É questão de gosto, e gosto é questão de paladar⁶⁵.

Ainda insistindo em evidenciar sua aparência física, moral, ética e social, o cronista chega a definir o tipo de moças que lhe agradaria. Parecendo muito à vontade no espaço que lhe cabia naquela coluna, o cronista abusa de elementos que evidenciam seus gostos, hábitos e, até mesmo, defeitos de comportamento. Enfim apresenta todo um padrão de regras de conduta e moralidade

⁶² *A República*, Natal, p.102, 08 maio 1924.

⁶³ *Ibid.*

⁶⁴ *Ibid.*

⁶⁵ *Ibid.*

que se acha apto a seguir, ao mencionar “Um rapaz assim. Sympatico [sic], rico, de um moral bom, com 3 roupas de casimira e uma infinidade de acessórios para seu traje, que vai ao cinema, ao teatro[sic], à igreja dá passeios de bond[sic], etc, etc é ou não um rapaz digno de ser disputados pelas meninas casadoira?”⁶⁶.

Certamente as respostas que surgiram por parte do público afetado – as meninas casadoiras – não foram poucas. Em linhas finais de seu discurso, o cronista finalmente fala sobre o fato de estar sendo repudiado pelas moças da cidade: “Firmando a minha identidade, para abrandar colera [sic] das meninas que estão na idade de casar, nada mais tenho hoje a pensar!”⁶⁷.

Como se pode ver esse é um discurso que insiste em acenar para as moças solteiras da sociedade, alertando-as de que sua função maior consistia em permanecer pronta para casar-se o quanto antes exercer a função de “esposa-perfeita”, adotando um perfil que traduzia-se em abnegações e fragilidade. Esse discurso provavelmente circundava a visão das jovens que viveram no período. É possível identificarmos o eco desse discurso ou a interiorização desses valores que, de forma menos intensa, chegaram aos nossos dias, como lembra a psicanalista Marina Massi em sua obra *VIDA DE MULHERES – Cotidiano e Imaginário*, quando diz

Se muitos casamentos ainda ocorrem pela força de valores interiorizados, poucos permanecem pelo menos. Um desses valores é que, por volta dos 25 anos, se a mulher ainda não casou, deve preocupar-se, pois é saudável ter o primeiro filho antes dos 30 anos, como também, depois dos 30 anos torna-se mais difícil encontrar alguém para casar⁶⁸.

Por hora acreditamos que nossa discussão maior deva se deter ao artigo acima analisado.

Buscamos compreender como um discurso masculino, escrito por alguém pertencente a uma

⁶⁶ *A República*. Natal, p.102, 08 maio 1924.

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ MASSI, Marina. *Vida de mulheres: cotidiano e imaginário*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 82-83.

elite burguesa do período, de forma cômica, levantava questionamentos e sugeria comportamentos que talvez a sociedade considerasse ideais para serem seguidos pelas jovens do período. Será que no limiar deste discurso não haveria também um apelo para identificarmos o espaço que cabia ao público masculino e certamente estava fechado para um público feminino? Respostas logo nos vem, que certamente esclarece que condutas morais femininas, instituídas como modelos, seriam muito mais cobradas das moças quando comparadas ao comportamento dos rapazes da época; sendo assim casamento seria a “chave” que permitiria as jovens entrar na sociedade e ser aceita como uma mulher de caráter respeitável. Fica evidente o poder que detinha a imprensa jornalística naquele momento de alcançar um público feminino real, ou seja, havia colunas que certamente eram lidas religiosamente pelas moças do período, já que nas edições seguintes encontramos uma nota onde João Dantas Milanez, despedia-se da cidade. Essa nota colocava um ponto final na coluna *O que pensei ontem*. O que teria acontecido? As mulheres da cidade teriam expulsado o cronista das páginas do *A República*, ou este teria partido para outro Estado para fundar talvez uma outra coluna que “balançasse” as moças da região, talvez intitulada *O que penso hoje?*. Essas questões, se não nos levam a uma resposta definitiva, pelo menos nos serve de referencial para refletirmos sobre as novas e múltiplas formas de se entender como o masculino/feminino estava definido, a luz das publicações do *A República*, nos primeiros anos década de 1920.

Foram selecionados textos que se referiam ao papel das mulheres na sociedade natalense e à condição feminina em geral em outros países, com isso esses textos nos ajudaram a identificar elementos e conceituações que definiam o feminino e sua condição a partir da ótica masculina. Entre os diversos temas que encontramos quando o masculino definia o feminino, falar sobre a educação feminina assim como acerca do trabalho das mulheres, foram temas que podemos identificar, assim podendo ser visto, nas análises que seguem.

Procurar conhecer como estava direcionada a educação das mulheres no início da década de vinte nos permite conhecer também os discursos morais, demarcados como ideais a serem seguidos pelas jovens que pertenciam a uma elite burguesa da sociedade natalense.

Quando analisamos a capital natalense assim percebendo como estava direcionada a educação feminina, é inevitável não mencionarmos a formação e influência que teve na cidade a Escola Domestica de Natal, fundada em 1914 pelo intelectual Henrique Castriciano de Souza, que entre suas viagens a Europa acaba por idealizar a fundação desta instituição na cidade, o que seria um marco na educação feminina não só na capital natalense, mas também no Brasil.

No decorrer da pesquisa encontramos diversos artigos que mencionavam e lembravam desde a fundação desta instituição até notas que relatavam todas as práticas e minúcias das festas que eram realizadas na ocasião do encerramento do ano letivo desta escola.

A Escola Domestica de Natal parecia mesmo ser alvo de críticas construtivas que eram direcionadas as moças da época que faziam parte do quadro de alunas desta instituição. Os artigos que encontramos revelavam que as alunas ficavam submetidas a um regime de atividades contínuas que iam desde a preparação das atividades domésticas (lavar, passar, cozinhar e trabalhos afins), até a aprendizagem escolar onde as alunas também aprenderiam noções de higiene e saúde, assim como adquiriam parcialmente capacidades de atuarem na área médica ou como auxiliares nas práticas de uma medicina preventiva. Muitas das alunas ficavam na escola de forma integral, em regime interno e algumas em regime semi-interno, condições estas que eram diferenciadas pelas mensalidades atribuídas aos responsáveis por essas jovens.

Entre os artigos que encontramos que faziam referências à Escola Domestica de Natal os mais comuns eram direcionados a informar sobre os eventos de encerramento que a instituição promovia no final do ano letivo, assim no ano de 1923 encontramos um artigo que bem ilustrava como eram procedidos os atos de encerramento das atividades desta escola.

O artigo nos possibilita perceber que estas festas comemorativas reunia grande parte da elite intelectual da cidade, nos possibilitando também, identificarmos quais eram as atividades que as alunas estavam convidadas a seguir no decorrer de sua preparação e formação educacional, enfim estas atividades pareciam mesmo confirmar: mais do que cultas, as alunas que passavam pela instituição deveriam também estar preparadas para assumirem um lar, assim como filhos e marido, confirmando suas responsabilidades enquanto mãe e esposa.

Nos trechos que seguem abaixo, podemos perceber alguns dos elementos aqui mencionados, o que nos leva a pensar que a Escola Domestica de Natal na década de vinte parecia ser uma instituição modelo, não só em sua estrutura física mais principalmente no modo como conduzia a educação das jovens da época:

No dia 27, a escola fez exposição annual [sic] dos trabalhos, com uma festa, a noite, que reunia uma boa parte de nossa sociedade, sendo todos muitos obsequiados e ficando bem impressionados[sic] com a parte recreativa desempenhada[sic] pelas alumnas[sic].

Na exposição dos trabalhos, que ocupava vários salões, estavam à vista do publico todas as provas escritas das alumnas[sic] e o excrupulo [sic] com que as provas são julgadas.

Em outros salões, figurava a grande exposição de chapeos, vestidos e peças de roupas brancas, muitas confeccionadas como atelier de afamada modista, demonstrando a perícia da professora e aplicação das alumnas[sic].

Em outra sala , havia uma exposição de bolos , cujo sabor só mas tarde o publico pode[sic] apreciar, porem cuja forma artística, era realmente, encantadora.⁶⁹

Como podemos observar em trechos do artigo citado, as atividades das alunas não se limitava à sala de aula, uma educação domestica certamente se afirmava entre as atividades que as alunas aprendiam no decorrer do ano, no entanto, entre as costuras e os bolos que aprendiam a fazer, certamente lhe era passado a idéia de que a mulher naquela época deveria ser restringir aos

⁶⁹ *A República*. Natal , p. 270, 27 nov. 1923

espaços privados do lar, para isso certamente também deveria ter total domínio das atividades que encontraria ao se casarem e assumirem uma casa.

Assim como mencionado, estas festas de encerramento da instituição em análise, reunia grande parte dos intelectuais da região, estes por sua vez, lhe tinham atribuído a tarefa de elaborar e proferir solenes discursos nos atos de encerramento da cerimônia, fato este que parece ilustrado quando é mencionado no artigo

O doutor Antonio de Souza ao entregar os diplomas, proferiu uma bella[sic] e expressiva allocução[sic], accentuando[sic] que, mais uma vez, a Escola Domestica de Natal, conseguiu uma Victoria[sic], que não era somente della[sic], porque era o Rio Grande do Norte, melhor uma Victoria[sic] da Pátria, pois o diploma que ia entregar era o produto de uma orientação nova na educação feminina, que ia sobre os destinos do Brasil, cuja iniciativa muitos nos desvancia⁷⁰.

O trecho acima nos possibilita perceber também elementos que denotam uma visão masculina acerca das mulheres nos primeiros anos da década de vinte, assim é possível identificarmos a interiorização de valores morais, embutidos em um discurso que parecia afirmar: o lugar das mulheres era mesmo limitado ao espaço privado, ou seja o lar.

Enfim quando analisamos a atuação da Escola Domestica em Natal percebemos que: a educação feminina presente nesta instituição, assim como as atividades e toda uma rotina era influenciada por modelos dos institutos europeus, fato este que parecia se justificar pela forma que esta instituição conduzia suas atividades e estabelecia padrões e regras que deveriam ser seguidas por suas alunas. Entre as atividades parecia haver a afirmação: a mulher só teria sua existência justificada, quando assumindo um lar, com isso não poderia se surpreender com desajeitados modos de não saber conduzir os misteres de um “lar sagrado”, ou seja, entre as

⁷⁰ *A República*, Natal p.270, 27 nov. 1923.

atividades domésticas, assim como cuidar da rotina educacional dos filhos e bem estar do marido, certamente tudo isso não seria tarefa fácil, com isso a preparação deveria ser estabelecida desde cedo, assim mesmo em sua formação educacional.

Não apenas a Escola Domestica de Natal estava direcionada a instruir as jovens para tornarem-se mães e mulheres prontas para assumirem um lar. Em 1925 identificamos um longo artigo, abrangendo duas colunas no *A República*, que também fazia referencia a educação feminina. O artigo parecia não fugir da tentativa de estabelecer padrões de comportamentos morais que julgavam ideais a serem seguidos pelo público feminino.

Publicado em Março de 1925 intitulado *Escola para Noivas*, assinado sob o pseudônimo Oswaldo Orico, o artigo sugere um discurso de linguagem clara e direta, e que nos leva a pensar que: no inicio da década de vinte os escritos masculinos assim também como seus discursos se ligavam a assuntos que debatiam a condição civil das mulheres, enfim este assunto parecia mesmo ser digno de debates e críticas por vezes satíricas como analisamos em artigos anteriores.

Assim como a Escola Domestica de Natal, a *Escola para Noivas* parece ter sido fundada na cidade embasada nos moldes europeus, fato este denunciado quando menciona o autor: “Vem da Allemanha[sic] o exemplo dourado e gallante[sic], ao mesmo tempo útil e proficuo: - Uma escola de noivas.”⁷¹

O autor do artigo não se inibe ao estabelecer e esclarecer ao leitor o objetivo desta instituição, com isto logo nos primeiros momentos do texto ressalva o objetivo da instituição, acentuando que esta não vem para reformular os misteres sagrado do lar, mas sim qualificá-los, sendo assim, o autor parece assumir uma certa posição favorável a esta instituição, no entanto, de forma reversa o desenvolvimento de seu discurso mostra contraditoriamente que o autor é contra a instituição, posição esta que inscreve-se ao mencionar

⁷¹ *A República*, Natal, p.53, 08 março 1925.

Noivar vai ser agora uma coisa escolástica e erudita, sujeita a uma certa disciplina e recurso de boas regras. Lá se vai o tempo em que o noivado era uma conseqüência lógica do namoro, isto é, uma estado dalma [sic] entre o namoro e o matrimônio, sem leveza do primeiro e sem as responsabilidades do segundo, unindo as graças de um as promessas de outro⁷².

Certamente recordando tempos remotos que simbolizaram o matrimônio como uma conseqüência lógica do namoro, assim como menciona o autor, a escola para noivas parecia chegar a cidade em um momento em que se percebia uma certa mudança nas relações conjugais. Noivar parecia não mais ser uma tarefa fácil, talvez encontrar o par “perfeito” fosse na verdade o desafio maior.

O artigo em análise também possibilita ao leitor perceber e identificar elementos que denotam que: o noivado entre os casais já não parecia mais seguir uma “lógica” de outros tempos, agora parecia se identificar a todo momento um “desmoronamento” nas relações conjugais entre os casais, considerando este fato o autor menciona o objetivo pertinente de se ter uma escola para noivas, ao mencionar : “Hoje não; depois que se desmoralizou a fidelidade , era preciso que o noivado revestisse certas formas praticas , e dahi[sic] a criação[sic] desses institutos femininos que virão modelar as noivas do futuro”.⁷³

Notemos que o instituto era exclusivamente direcionado na “preparação de noivas”, o trecho acima citado acentua a necessidade de sua existência por parecer estar havendo e constatar que desmoralizou a fidelidade, parece certamente afirmar que estas mudanças nas relações conjugais também seriam adotadas pelo público feminino, com isso o autor fala em falta de

⁷² *A República*, Natal, p.53, 08 março 1925.

⁷³ *Ibid.*

fidelidade, mas não menciona os culpados, ficando margem para o leitor pensar: a quem seria atribuída esta quebra que estava havendo nas relações conjugais?

Em diversos trechos do discurso, o autor fala acerca da necessidade das mulheres efetivarem um bom matrimônio, com isto volta acentuar a importância da instituição que se formava, no entanto é possível identificarmos em alguns momentos do discurso a natureza contraditória das falas do autor, uma vez que: há momentos que este se posiciona favorável ao estabelecimento da escola na região, talvez por está denotar e afirmar os idéias burgueses e ser símbolo de modernidade, já que era uma instituição trazida aos modelos europeus, por outro lado o autor de forma contraditória não pondera em afirmar que: a escola para noivas não seria tão inofensiva, a um segundo olhar, esta instituição poderia ser vista mesmo como algo que “deturparia e dificultaria as relações conjugais tradicionais, passando mesmo o noivado a ser visto como “um problema feminino”, assim como menciona o autor: “Simplesmente inofensivo[sic] à primeira vista, esse novo educandário é um ameaça a nova tradição sentimental em que nos creamos [sic] e vai fazer do noivado um problema infinitamente mais grave: - vai fazer do noivado um problema feminino”.⁷⁴

Em alguns momentos o discurso parece lembrar a existência da necessidade de se construir um lar, onde neste se tenha perfeitamente definido as atividades assim como os direitos e os deveres entre os homens e as mulheres, estas afirmações certamente nos levam a pensar: as definições dos papéis sociais entre o masculino/feminino já estavam definidos e entre a esfera pública/privada parecia mesmo que o homem sempre afirmava seu papel majoritário, que se traduzia entre o fazer e o determinar, enquanto às mulheres restava assumir o papel de mães e esposas perfeitas, que se traduziam entre servir e anular-se, ficando quase sempre presa ao esteriótipo que lhe definia como : “ajudante do homem, a educadora dos filhos, um ser de virtude,

⁷⁴ *A República*, Natal, p.53, 08 março 1925.

o anjo do lar, ou o oposto, as mulheres fatais e decaídas . Sem dúvida , tanto anjo/perversa quanto “bom selvagem”/ selvagem traiçoeiro eram tipos ideais sem correspondência no vivido.”⁷⁵

Como bem lembra Margareth Rago muitos estereótipos foram direcionados ao feminino, no entanto, poucos entre eles, corresponderam a uma realidade vivida pelas mulheres, que em suas multiplicidades não se limitavam as imagens que um discurso burguês parecia afirmar a seu respeito a todo momento. Estes discursos não definiam apenas o feminino, mas sim, inscritos também eram, o modo pelo qual o feminino estava sendo definido pelo masculino, definições estas que aqui estamos tentando encontrar, seja no limiar dos discursos burgueses, seja nas entrelinhas dos artigos que foram publicados nas páginas do jornal *A República*.

Voltando ao artigo em análise percebemos que: estivesse favorável ou não ao estabelecimento da escola de noivas na região, o autor nos deixa perceber as imagens e funções que as mulheres acentuadamente estavam ligadas , ou seja, uma imagem que parecia afirmar que para serem aceitas socialmente as mulheres deveriam estar preparadas para assumirem um matrimônio, no entanto, se preparar para tal condição seria justificado em frequentar uma “*Escola para Noivas*”.

A autoria masculina do artigo parece sugerida não apenas pelo pseudônimo que assinava o artigo, mas, a autoria masculina parece se afirmar a todo momento no discurso do próprio texto , fosse quando encontramos falas que fixavam as tarefas femininas como essencialmente domésticas, fosse quando o discurso parecia afirmar que o noivado seria mesmo assunto feminino, fato este que o autor deixa sugerido ao concluir seu o artigo mencionando que o noivado e o matrimônio: “são assumptos[sic] que solicitam uma experiência longa e meditada, e

⁷⁵ RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar*. p.403.

nessas questões de amor e matrimônio bem contra meu gosto , eu não sou se não um hospede inocente[sic]”.⁷⁶

Em seu último “ato” o autor parece revelar a natureza contraditória de seu texto, pois em vários momentos sugere discussões do que deveria ser uma relação matrimonial ideal, discute idéias, afirma modelos femininos , debate e menciona a importância da existência da instituição na região, acaba afirmando que nada entende de amor e matrimônio, certamente deixando esta “vocação” às mulheres, que pela sua “sensibilidade”, certamente não seriam um “hospede inocente[sic]”, assim como termina se definindo o autor.

Assim como mencionado em diversos momentos foi possível identificarmos textos que discutia as imagens femininas e sua atuação nos campos do trabalho assim como sua participação na Primeira Guerra Mundial, estes foram textos que nos auxiliaram a entender que: as mulheres parecem ter recebido honrosos reconhecimentos pela sua participação nos campos de Guerra, porém com o fim da guerra, parecia ter chegado a hora dessas mulheres voltarem para aos ditos espaços privados, ou seja, o lar. Se dentro de um primeiro momento, tivera seu trabalho “reconhecido”, os textos masculinos pareciam anunciar: é chegado a hora das mulheres voltarem para suas reais atividades, ou seja, atividades domésticas, atividades do lar, no entanto, seria evidente que muitas se deixaram levar por tais apelos, no entanto, outras seguiram rumos contrários ao que “silenciosamente” estava sendo determinado.

Nesse contexto passaremos agora a analisar um artigo intitulado *O trabalho das mulheres em França*, publicado em janeiro de 1917. O discurso infere autoria masculina que talvez tenha sido omitida propositalmente. Pela natureza do discurso foi possível perceber que seu autor era conhecedor dos códigos morais que se revelavam numa oratória preocupada em retratar as mulheres como “entes frágeis e delicados”.

⁷⁶ *A República*, Natal p.53, 08 março 1925.

Como o título do mencionado artigo sugere, o texto fala sobre atividades a princípio masculinas, mas que foram paulatinamente sendo executada por mulheres que, como próprio texto sugere, não pareciam mais tão frágeis e delicadas. A importância desse documento para nossa pesquisa está no fato de nos apresentar elementos que buscavam definir o feminino de forma universal, já que se refere ao que acontecia na França. Contudo, esse artigo mereceu uma atenção especial nas colunas do *A República*.

O autor inicia o artigo com uma interrogação que certamente sugeria múltiplas respostas: “Quem diria que as mulheres, esses entes ‘frágeis e delicados’, como habitualmente eram consideradas se tornariam uma das forças mais activas [sic] das vastas oficinas[sic] de guerra?⁷⁷”.

Em seguida o autor menciona uma aceitação mais visível da mulher no mercado de trabalho e ensaia alguns elogios à atuação delas em atividades manuais que não lhes eram comuns:

[...] foram classificados os trabalhos executados pelas mulheres. Em primeiro lugar, as tarefas puramente mechanicas[sic] que consistem nos mesmos movimentos; Perfuração, torneamento e tudo quanto diz respeito a objecto[sic] de pequena e media dimensão, assim como a verificação de objectos [sic] assim fabricados⁷⁸.

No desenvolvimento do discurso o autor revela elementos que eram freqüentemente atribuídos as mulheres nas décadas de 1910 e 1920. A figura feminina só era valorizada quando as mulheres abdicavam de seus gostos e vontades para colocar-se a serviço da Pátria, contribuindo, desse modo, para o “bem comum da nação”. Mais uma vez o discurso revelava um “pedido” velado, disseminado por um discurso moralista, com a pretensão de deixar as mulheres limitada à rotina do privado ou pronta a renunciar em prol do bem da nação.

⁷⁷ *A República*, Natal, p. 15, 19 jan 1917.

⁷⁸ *Ibid.*

“Nunca se louvaria bastante a coragem d’essas mulheres que para ganharem a vida e responderem também ao apello[sic] do paiz[sic], abandonaram os seus officios[sic], a costura, a fabricação de chapeos[sic], etc. Para se adaptar à vida tão diferente[sic] das officinas[sic]”⁷⁹.

Nesse discurso muitos estigmas, voltados à figura do feminino, podem ser identificados através de conceituações e afirmações acerca da atuação das mulheres em atividades que normalmente não eram executadas por elas. Há, inclusive, um trecho que parece reafirmar a “real” função da mulher na sociedade, que para caber nos padrões sociais da época, deveria adotar uma postura frágil, mas, ao mesmo tempo forte, para “produzir” e educar os filhos que seriam o futuro e fortalecimento de uma nação.

Na construção de um campo de trabalho ideal – que deveria existir para acolher as mulheres, mas que lhes exigia força e habilidades não só manuais, mas controle psicológico – o artigo em análise afirma a existência de uma equipe de parlamentares, assim sendo médicos inspetores, inspetoras do trabalho industriais operários e senhoras ricas e bem feitas, encarregados de orientar uma boa conduta do trabalho feminino: “[...] o preparo de uma sala onde as mães possam amamentar os filhos e indica-lhes as precauções a adoptar [sic] em favor das mulheres grávidas, que trazem consigo o futuro da raça”⁸⁰.

O discurso acima parece construir uma imagem de mulher e os cuidados que deveriam ser conferidos a ela, no que se refere à função da “maternagem”. Isto porque, elas deveriam ser inseridas no um mercado de trabalho, sem, no entanto, deixar de exercer sua função de mãe.

Por fim, o presente artigo demonstra que, apesar das mulheres estarem inseridas num

⁷⁹ *A República*, Natal, p.15, 19 jan 1917.

⁸⁰ *Ibid.*

campo de trabalho majoritariamente definido como ou pelo masculino, ainda havia uma nítida demarcação do que seria a atividade masculina e a feminina. Trata-se, portanto, de um discurso que teimava em definir e, acima de tudo, distinguir as reais funções que poderiam ou não ser realmente assumidas em definitivo pelas mulheres. Richard G. Parker, no livro *Corpos, Prazeres e Paixões*, nos auxilia com uma reflexão sobre as definições de masculino e feminino, ao mencionar:

O homem e a mulher e, por extensão, os próprios conceitos de masculinidade e feminilidade foram assim definidos, em termos de sua oposição fundamental, como uma espécie de tese e antítese. Com o poder investido inteiramente em suas mãos, o homem era caracterizado em termos de superioridade, força, virilidade, atividade, potencial para a violência e o legítimo uso da força. A mulher, em contraste, em termos de sua evidente inferioridade, como sendo em todos os sentidos o mais fraco dos dois sexos – bela e desejável, mas de qualquer modo sujeita a absoluta dominação patriarcal⁸¹.

Um outro artigo anônimo, que também se referia ao trabalho feminino, durante a Primeira Guerra Mundial, nos auxilia pensar, como as mulheres foram vistas neste campo de trabalho. Publicado em 1919 com o título *As mulheres Italianas*, também noticiava a participação “notável” de mulheres e crianças nos trabalhos desenvolvidos nos campos de batalhas. Esse texto aborda o mesmo tema analisado anteriormente – *Trabalho das mulheres em França* –, mas com a diferença de fazê-lo através de um discurso direto, de uma simples nota, isto é, apenas informando, sem a preocupação de levantar questionamentos. Notamos nesse discurso um certo reconhecimento do trabalho que estava sendo realizado por mulheres e crianças no campo de combate. Contudo, também surgem as dúvidas quanto a esse reconhecimento. Até que ponto estas mulheres tinham suas habilidades reconhecidas em um espaço ainda tão dominado pelo masculino? Haveria mesmo um reconhecimento social ou tudo não passava de mais um discurso

⁸¹ PARKER, Richard G. *Corpos, prazeres e paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. 2.ed. São Paulo: Best Seller, 1991. p. 58

que acabava quase sempre por priorizar uma conduta já estabelecida acerca da figura do feminino? Enfim, vejamos o discurso e procuremos observar a análise acima proposta:

Pelas estatísticas publicadas pelo governo, vê-se a parte notável que as mulheres italianas tiveram nesta guerra.

Das 900.000 pessoas empregadas nas fábricas de material de guerra, havia 200.000 mulheres e crianças. A contribuição das mulheres italianas na guerra, não são só em trabalhos manuais, mas também em outros ramos da actividade[sic], foi tão grande, que o Parlamento italiano recebeu um pedido para estabelecer um título de nobreza dedicado exclusivamente às mulheres que prestaram serviços relevantes durante a guerra⁸².

Se o discurso sugere que as mulheres tiveram uma atuação brilhante e notável nos campos de guerra, reafirma que era chegada a hora dessas mulheres voltarem para assumir seus lares. O lugar do feminino era mais uma vez definido e estigmatizado pelos escritos masculinos, enfim nota-se idéias nítidas de um discurso moralista que esteve presente por várias décadas, limitando e distinguindo as atividades masculinas/femininas, o que em alguns momentos, ainda notamos em nossa realidade contemporânea.

Na análise da documentação selecionada, verificamos que os textos assinados por homens revelavam um discurso centrado em idéias advindas da alta burguesia da cidade. Estes quase sempre construíam discursos que valorizavam, de forma intensa, assuntos ligados a temas políticos ou que fizessem referências ao advento da modernidade e às influências culturais advindas dos Estados Unidos e de países do continente europeu. Por outro lado, não foram encontradas muitas publicações de textos poéticos masculinos. O espaço dedicado ao “fazer

⁸² *A República*, Natal, p. 40, 18 fev. 1919.

poético” parecia, nesse primeiro momento, realmente ter sido reservado às mulheres, conforme verificamos anteriormente.

Foram selecionados textos que se referiam ao papel das mulheres na sociedade natalense e à condição feminina em geral. Esses textos nos ajudaram a identificar elementos e conceituações que definiam o feminino e sua condição a partir da ótica masculina.

No entanto o ano de 1919 também chegou anunciando os poetas do novo século. Se num primeiro momento de nossa pesquisa não identificamos a presença dos poetas que certamente conquistavam e “consolavam corações” dos enamorados da época, no decorrer da pesquisa foram surgindo poemas imensos com um discurso que primava pelo lírico e construções literárias que lhes conferiam um “tom de romantismo”.

Um dos primeiros poetas que identificamos nas páginas do *A República* foi o escritor Jaime dos Guimarães Wanderley⁸³ que, ao que tudo indica, seguia em sua escrita, os padrões que influenciaram os poetas do período. Seus textos apresentavam acentuados recursos lingüísticos, tais como rimas, metáforas e uma linguagem culta pautada nos padrões de moralidade da época. Certamente Jaime Wanderley foi uma figura de grande prestígio social na capital natalense e fazia parte da elite burguesa intelectual da cidade, assim da família dos Wanderly, como já mencionado, família de intelectuais, poetas e escritoras influentes como Palmyra Wanderley e Carolyn Wanderley, com assídua participação nas colunas do *A República*.

Através do artigo intitulado *Emotividade de um beijo* com subtítulo *Á ti estrella do meu afflecto*, pudemos perceber que os escritos poéticos masculinos não se distanciavam muito dos escritos femininos. Aqueles, porém, pareciam receber um espaço mais privilegiado, aparecendo

⁸³ Filho do Dr. Celestino Carlos Wanderley e d. Anna Guimarães Wanderley, Jaime Guimarães Wanderley, nasceu, em Natal, a 6 de Julho de 1897. Estudados os seus preparatórios, matricula-se na Escola de Pharmacia[sic] do Recife, aos 15 de março de 1919, diplomando-se a 8 de dezembro de 1921. Collabora[sic], de vez em quando, n’ *A República* e n’ *A Imprensa*, de Natal, escrevendo também na Revista *A nota*, da capital de Pernambuco. In: WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal: Edições Fac-Similar: 1993. p.285-286.

freqüentemente nas colunas centrais das edições do *A República*. Os poemas advindos do masculino pareciam ter conquistado também um público fiel, o que percebemos pelas acentuadas publicações estampadas nas edições do *A República*. No que diz respeito às temáticas, observamos que os escritores optavam por “versejar” sobre assuntos ligados aos afetos humanos. Enfim, notemos no trecho do discurso de Jaime Wanderley as características que ilustram a análise acima proposta: “Na incontida emoção dos lábios re florindo,/Na anciã do coração, na aflição do desejo,/ Palpita , canta e ri a flor da alma reabrindo / No mavioso fremir das explosões do beijo. / Vibra em torno de nós um cytara celeste, / De extranha orquestração e de suave gorgieio...”⁸⁴.

Os poemas masculinos também primavam por uma linguagem lírica. Eram escritos por homens cultos, que também pertenciam às famílias tradicionais da região.

No final da década de 1910, questionamos que: os poemas masculinos talvez não anunciassem novas conceituações que possibilitassem fixar ou perceber-se o feminino em outras esferas, pois o desenvolvimento do poema de Jaime Wanderley parece denunciar que a figura do feminino continuava estigmatizada, sendo ainda encarada e moldada como algo lúdico e até divino. O discurso moral não havia mudado. As mulheres continuavam a serem conceituadas e pensadas pela ótica da “frágil criação do divino”.

Notemos trechos do poema onde o escritor coloca-se a definir e fazer analogias com o ato de beijar – que é o tema proposto , e a figura do feminino – Eva, que é o sub-tema abordado:

É o beijo a cantar, beijo que nos eleva, / Que produz um martyrio[sic], entre nos dois, profundo / Essa luz que nasceu dos rubros lábios de Eva, / Para a viva expansão das delicias do mundo. / Que ventura nos traz! Que vibrante nevrose[sic], / Freme dentro de nós, quando em jogo se agita [...].

⁸⁴ *A República*, Natal, p. 56, 12 março 1919.

Beijar é renascer, sonhar um sonho lindo, / Sentindo palpitar dentro d'alma o desejo / E foi assim que uma vez, a flor do lábio abrindo, / Eu me puz [sic] a cantar as doçuras do beijo⁸⁵.

Um outro escrito poético encontrado ainda no ano de 1919 assinado pelo pseudônimo Petronillo Joffely, tornou-se curioso por sugerir mais um momento em que o “masculino tentava ‘em textos’ definir o feminino”. Este discurso nos possibilitou encontrarmos estigmas que fixavam e revelavam conceitos predeterminados sobre as capacidades intelectuais dos homens e das mulheres, isso nos faz lembrar que havia realmente um discurso moralista burguês que se fortalecia quando o masculino afirmava o feminino: “O homem estuda e entende as leis da natureza, / O céu [sic], a terra, o astro, a luz, a tempestade, / O mar , o rio, a fonte, o lago, a correnteza [sic]/ O riso, a magua[sic], o pranto, a duvida a saudade [...]”⁸⁶.

As definições que são conferidas a figura do masculino não nos surpreende. A imagem das mulheres na história e sua luta para conquistar um espaço no mundo da ciência, letras e artes realmente não foi uma conquista fácil, como pensamos anteriormente. As barreiras de um discurso ensurdecedor – que teimava em afirmar que a razão da existência das mulheres se traduzia em exercer a função de “rainhas do lar”, procriadoras e nutris dos filhos de uma nação – contribuíram para o surgimento de preconceitos ligados ao feminino, haja vista que, muitas mulheres não tiveram a opção de seguir um caminho diferente do considerado ideal.

A escritora Maria Simonetti Gadella Grilo, em seu livro *Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta*⁸⁷, acentua os conceitos que se formaram ao longo da história definindo a mulher como o sexo frágil, quando diz

⁸⁵ *A República*, Natal, p.56, 12 março 1919.

⁸⁶ *A República*, Natal, p.100, 08 maio 1919.

⁸⁷ Nísia Floresta Brasileira Augusta era o pseudônimo adotado por Dionísia de Faria Rocha, nascida num pequeno sítio de propriedade dos pais em Papari, no Rio Grande do Norte, localidade que hoje recebe seu nome. Era filha de

Infelizmente, os nossos antepassados, através de uma educação familiar muito rígida, plena de preconceitos, levaram a mulher a assumir uma atitude subalterna. Haja vista, entre nós, no Brasil Colonial, a passividade das esposas dos latifundiários, dos senhores de engenho. O patriarcalismo [sic] dominava. A mulher atuava com exclusividade no setor doméstico. Constituía, apenas, elemento decorativo no lar, ao lado do filho [...]. Destinava-se a mulher para ser esposa e mãe, numa limitação absurda de suas atividades cerebrais⁸⁸.

A escritora foi ainda mais longe ao lançar uma pergunta que provavelmente o discurso de uma moral burguesa sempre buscou silenciar: “Por que não para a vida intelectual? A competição assustava? Seria uma decorrência da educação predominante no tempo?”⁸⁹

Retomando o artigo de Petronillo Joffey, é interessante notar que esse escritor define, no segundo momento do seu poema, os elementos que as mulheres, comparadas as “abelhas”, entenderiam: “A abelha entende a flor: a plauta [sic] entende o orvalho [...]”⁹⁰.

Inspirar poemas, se rever na história, pautar-se e definir-se em conceitos e preconceitos. Seriam esses realmente os reais objetivos dos escritos masculinos ao tentar definir o feminino, nos poemas que figuraram as páginas do *A República* na década de 1920? A resposta coerente e condizente com os textos masculinos, talvez estivesse em discursos que não usavam metáforas, rimas ou que se ligassem à estética lingüística que seguia a construção de um poema. Talvez estivesse em textos que anunciavam a chegada de um “feminismo com ideais emancipativos ou em discursos que pré-anunciavam a chegada de uma modernidade que trazia também um novo ideal de mulher, não mais submissa e fixada em condutas e regras morais de uma época, mais

Antonia Clara Freire, uma moça analfabeta, de família muito rica, e de um advogado e escultor português, Dionísio Gonçalves [...] Republicana e abolicionista, no Rio de Janeiro escreve em jornais, mas suas idéias provocam polêmicas. É nessa época que adota o pseudônimo Nísia, em homenagem ao pai; Floresta, em lembrança do sítio onde nasceu; Brasília pelo nacionalismo que então era voga; Augusta, em memória do homem que amou. Sobre a trajetória de Nísia Floresta Brasileira Augusta ver: TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.) *História das mulheres no Brasil*: Contexto. 2000.p.405.

⁸⁸ GRILLO, Maria Simonetti Gadêlha. *Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta*. Natal: Edições

Climas: 1989. p. 43

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ *A República*, Natal, p.100, 08 maio 1919.

uma figura do feminino, com um olhar além de seu tempo que fixavam o modo ideal de exercer o feminino. Mas, que tempo seria esse? Certamente um tempo bem próximo que anunciava-se com a chegada de um novo século.

Em diversos momentos da pesquisa foi possível encontrar textos advindos do masculino, que sugeriam o papel ideal que as mulheres deveriam assumir. Em muitos discursos encontramos “símbolos” que demarcavam os espaços ideais onde as mulheres seriam exaltadas e aceitas. Em alguns momentos as produções textuais deixam margem para interpretarmos que naquele momento, início do século XX, a figura do feminino estava muito ligada à imagem de grandes mártires que foram retratadas e imortalizadas na história brasileira ou mesmo universal. Como a princesa Isabel e a eternizada heroína Joana d’arc.

Considerando estas abordagens sobre a figura do feminino identificamos, na coluna de publicação periódica *Subtlezas Femininas*, um artigo “anônimo” intitulado *Isabel a Redemptora*, que pela natureza de seu discurso, revela uma autoria masculina, uma vez que menciona, descreve e suscita o heroísmo na trajetória da imortalizada Princesa Isabel. Esse texto fala de atitudes de bondade e heroísmo que se confundem com serventia e submissão, ligados a atos de civismo e servidão de caráter universal que se traduzem em seus mais puros atos de anulação ao libertar os mais fracos e oprimidos. Nada parece surpreender, mas quando analisamos a natureza de tal discurso, este parece sugerir aqueles estigmas que Pierre Bourdieu alerta haver na construção de definições que tentam captar e distinguir o feminino e o masculino, ou seja, das mulheres sempre se esperava “atos de glória”, serventia e abnegação. Vejamos o discurso e entre sua construção teórica, analisemos o mencionado acima, quando o autor menciona

Agrilhoados a uma escravidão informante, viviam brasileiros [sic] irmãos – nascidos sob a cupola[sic] estrellada[sic] desse mesmo céu[sic] que nos acorberta[sic], a

sombra dessas mesmas arvores que nos agassalam[sic], à mesma luz do cruzeiro que Santilla[sic], com igual fulgor, para todos dessa terra grandiosa e fecunda.

Até que um dia, uma mulher – o vulto mais luminoso da nossa história feminina – envolta na brancura diaphama[sic] da bondade tendo as azas da virtude e a aureola do poder, abençoando o ventre escrevo, chrismar[sic] com a luz da liberdade os rebentos futuros: Era a Princeza[sic] Isabel, sancionando[sic] a lei de 28 de Setembro de 1870. Estava assim, perdoado aos novos escravos o castigo revoltante de uma culpa que não podiam ser responsáveis[sic]⁹¹

Entre as imagens e definições que ficaram sugeridos do feminino, pelos escritos masculinos, notamos que entre os anos de 1918-1923 se instala nas páginas do *A Republica* um debate que trazia à análise a discussão acerca da concessão ou não do direito das mulheres poderem votar e serem votadas.

Entre os discursos analisados observamos que os que surgiam entre [1918-1920] ainda satirizavam o fato das mulheres poderem ou não ter seus direitos emancipativos concedidos “As mulheres homens acabam de triumphar [sic], Madame Pankrust, a corajosa suffragista[sic], rebelde a ordem social, reivindicadora dos direitos feminis, por certas horas, muito satisfeita, ao calor do lume inglez [sic], deve esfregar as mãos de contente⁹².”

O debate que questionava o direito que seria concedido às mulheres para exercerem seus direitos de cidadania, buscavam argumentos na Constituição e nos modelos norte-americano e europeu, para em diversos momentos demonstrar que não seria viável para as mulheres receberem a concessão de tais direitos, visto que a Constituição brasileira ainda lhes negava o direito de voto.

Alguns debates argumentavam que o direito de voto não poderia ser concedido as mulheres devido à própria Constituição nacional lhes negar, no entanto, para tal direito ser concedido deveria haver mudanças nas leis que regiam a Constituição, mas os argumentos que

⁹¹ *A República*, Natal, p. 253, 24 nov 1921.

⁹² *A República*, Natal, p.27, 01 fev 1918.

certamente motivavam a possibilidade do direito de concessão ao voto não serem concedidos, certamente eram outros

“ Por que esse tal direito não deve nem pode ser concedido. Presentemente , no Brasil, não deve, por motivos de ordem moral e social, bem fácil de preverem e tantas vezes divulgados. Não pode, diante do veto que lhe oppõem[sic] as nossas leis. E este o ponto que queríamos nesta apressada e inócua discretação[sic].”⁹³

Encontrar argumentos que justificassem as mulheres não poderem participar da vida política do país, parece ter sido uma atividade que motivava a publicação de múltiplos e diferentes discursos que justificavam, por vezes, contraditoriamente, que as mulheres não deviriam nem poderiam ser: “affastadas [sic] dos misteres angélicos do lar⁹⁴”, pois correriam o risco de se meter em “cabalas e tricas eleitoraes [sic]”⁹⁵. Em diversos momentos, assim como nos lembra Durval Muniz, os argumentos que partiam de discurso moralista que tentava afirmar que as mulheres não poderiam exercer o direito ao voto pois “ [...] esta não teria preparo emocional para exercer a vida pública⁹⁶”.

Michelle Perrot, também nos lembra de argumentos que o discurso moralista burguês também utilizava para distanciar as mulheres das relações pública, nos lembrando também que esse discurso vinha para negar as mulheres seus direitos de exercer sua cidadania, com isso a escritora menciona “ Há o caso em que a exclusão das mulheres do poder político ocorre pura e simplesmente; há outros em que essa exclusão vem acompanhada por justificativas ou compensações , e outros ainda onde ela se dá em graus variados”⁹⁷.

⁹³ *A República*, Natal, p.147. jul. 1923.

⁹⁴ *Ibid.*

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920 / 1940) / Maceió* : Edições Catavento, 2003, p.97.

⁹⁷ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história : operários, mulheres e prisioneiros* ; Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998, p.173.

Se dentro de um primeiro momento era identificado nos discursos moralistas dos intelectuais da época que as mulheres não poderiam exercer o direito de votar, devido às leis Constituintes assim não permitir, como acentua Michelle Perrot, essas argumentações vinham na tentativa de justificar, objetivando mesmo que as mulheres ficassem longe de relações políticas. Entre as argumentações dos discursos moralistas que negava as mulheres o direito ao voto, ainda existia o argumento que sua aproximação com a vida pública, implicaria no enfraquecimento da família, assim como uma queda da moral e dos “bons costumes”. Michelle Perrot bem lembra que todas essas argumentações poderiam ser vistas como justificativas compensatórias para que as mulheres continuassem longe da vida política do país.

Em alguns textos as mulheres eram ironizadas quando estavam envolvidas em relações políticas ou assuntos afins

Negam muito as milenares companheiras há tantos séculos , que razoavelmente, querem mesmo até mesmo as nossas calças , desejam fazer prodígios de equitação , em pursang [sic], masculinamente, escarranchadas cortar o cabelo [sic] a escovinha, e, finalmente, descobrir um milagroso pilogenol [sic] capaz de dar-lhe o bigode insolente para affronta [sic] da rapaziada feminilmente [sic] rapada.⁹⁸

Atribuir ironicamente feições masculinizadas as mulheres que certamente estavam envolvidas com assuntos políticos ou a causa feminista parece ter sido uma linha de argumentação bastante presente nos escritos masculinos que encontramos na década de vinte no *A República*. Em diversos outros momentos esses argumentos podem ter aparecido de diferentes maneiras, mas com o único objetivo, distanciar as mulheres de relações sociais que pudessem aproxima-las com direitos que já individualmente eram concedidos aos homens, como direitos

⁹⁸ *A República*, Natal, p.27, 01 fev 1918.

políticos por exemplo, no entanto, em diversos momentos ficaram reservados para o feminino estigmas sociais que tentavam definir e lhe fixar em esteriotipos quase sempre não condizentes com sua realidade, como bem lembra o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, onde em seu livro : *Nordestino uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*, diz

[...] o mais comum, no entanto, é considerar as mulheres que militam no movimento feminista como mulheres-homens, causadoras de uma confusão reinante entre os papéis a serem atribuídos a cada sexo e quase sempre incapazes de exercer os deveres concernentes a sua condição⁹⁹.

O debate que se formava no centro dos discursos que trariam argumentações e justificativas para se compreender o por que das mulheres continuar longe das relações políticas do país, gerou também múltiplos discursos e diferentes opiniões que estimulavam o debate acerca que questionavam os direitos de voto feminino serem concedidos ou não. A maioria dos discursos dos intelectuais, assim como dos dirigentes políticos da época, mostravam-se contrários quando o assunto seria conceder o direito de voto as mulheres, havia sempre a afirmação por vezes contraditória que sempre acentuava “por que esse tal direito não deve nem pode ser concedido.[...]”/ Parece nos , effectivamente [sic] , que este direito de voto as mulheres não pode ser concedido”.¹⁰⁰

Nem sempre os discursos que anunciavam idéias contrarias a possibilidade de concessão ao voto feminino se justificavam com argumentos lógicos, por vezes, cabia em diferentes momentos recorrer as argumentações que buscavam apoio nas Constituições ou leis vigentes em outras culturas, no entanto, parece mesmo que se instalava um debate que justificava que as mulheres deveriam manter-se distantes de assuntos políticos, com o objetivo de preservar o

⁹⁹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino* (Nordeste – 1920 / 1940). p.98.

¹⁰⁰ *A República*, Natal , p.147, 01 jul. 1923.

caráter da família, com isso os discursos masculinos acabavam por procurar fixar e exaltar valores que seriam inerentes de cada sexo, uma vez que estes deveriam ser respeitados e preservados

Será feliz a nação cujas mulheres não queiram ser homens e cujo os homens não tratem de efeminar-se. As prerrogativas peculiares de cada sexo são nobres e necessária ao bem estar da humanidade. É dever humano desenvolve-las e eleva-las ao grau supremo de perfeição.¹⁰¹

As mulheres que estavam envolvidas em relações políticas ou em assuntos que se ligassem a idéias da causa feminista, parecia mesmo serem recriminadas, no entanto havia no centro do debate que apareciam nos escritos masculinos, idéias que acentuava que a concessão do voto feminino seria algo inviável política e socialmente, uma vez que as mulheres ao entrar na vida política, abandonariam os lares, o que implicava, segundo os intelectuais, no enfraquecimento das relações morais assim como a desestruturação dos valores familiares, com isso, parece mesmo que um pedido velado continuava presente nos discursos masculinos, que por vezes, não se inibia em fixar o feminino e eleva-lo somente quando as mulheres assumiam a tripla função de mãe-esposa e dona de casa, papel este que em diversos momentos lhe limitou e a ela reservou os espaços privados como seu lugar ideal, enfim, as mulheres conquistarem o direito ao voto já seria praticamente um fato naquele momento, no entanto, as inúmeras tentativas de um discurso burguês que tentava distanciar as mulheres de suas efetivas conquistas na vida pública, sempre esteve presente, definindo, delimitando e fixando o feminino, em alguns momentos como “frágeis damas”, assim como figuras femininas que deveriam assumir um papel de submissão como ideal para poder ser aceitas social e moralmente.

¹⁰¹ *A República*, Natal, p.176, 04 ago. 1923.

CONCLUSÃO :

Se ^{se} propor a analisar artigos que eram publicados periodicamente no jornal *A República* objetivando encontrar imagens femininas e decodificá-las, foi o maior desafio da presente pesquisa. Analisar escritos femininos/masculinos e entre estes procurar identificar como estava se formando ou como estava definida a imagem do feminino em anos finais da década de dez e início da década de vinte, foi um exercício que conferiu ^{nos} a pesquisa múltiplos encontros. Encontros que abriram caminhos para que pudéssemos conhecer em quais imagens o feminino estava definido e em diversos momentos “fixado”.

Analisar textos na forma poética foi uma prática que nos inspirou a olhar aqueles escritos com uma sensibilidade ainda desconhecida. Considerando a subjetividade que guarda os poetas, como seria possível não cairmos em armadilhas ou deduções equivocadas? As análises iniciais foram um desafio para o desenvolvimento do trabalho, pois entre os primeiros escritos que encontramos nas páginas do *A República* na década de dez, os textos femininos quando apareciam estavam protegido por uma linguagem lírica que em alguns momentos sugeriam que os escritos femininos não passavam de ilustrações e figurações das subjetividades femininas e que quase nada de “revelador” traziam em seus conteúdos. A surpresa maior foi quando na análise dos poemas começamos a identificar figuras de linguagem, como por exemplo metáforas que inscreviam o feminino e possibilitava a chance de identificarmos as imagens femininas que já em anos finais da década de dez e início da década de vinte, circulavam.

Nas páginas do *A República* as mulheres inscreveram-se em seus poemas. Deixaram em seus escritos, marcas personificadas de suas múltiplas sensibilidades. Retrataram uma época, vivenciaram momentos. O feminino pelos textos masculinos, em diversos momentos, foi definido apenas como o “*sexo frágil*”. Falas masculinas identificavam as mulheres como incapazes de fazer parte efetiva de uma realidade social em que indiretamente já estavam presentes, como por

exemplo, da realidade política do país. No início da década de vinte, mulheres que competiam igualmente com os homens, certamente eram definidas como rebeldes e mocinhas que tentavam ‘‘ inutilmente’’ abalar a ordem vigente.

Entre os diversos escritos femininos identificamos imagens de mulheres que aceitavam as imposições e regras moralistas que para elas acenavam de todos os lados do social. Discursos moralistas a definiam como um ‘‘ anjo do lar’’ que deveria permanecer na esfera do privado, ou seja, o lar, mas já havia mulheres escrevendo e tendo seus escritos publicados na imprensa. Quem seriam essas mulheres? Foi o primeiro questionamento que nos veio, inquietante. Os escritos das poetisas Palmyra Wanderley e sua prima Carolyn Wanderley pareciam responder tal questão. As mulheres que escreviam eram cultas, faziam parte de uma elite intelectual da cidade e pertenciam as famílias tradicionais da região. Captar imagens femininas pelos escritos dessas duas poetisas, entre outras mulheres que tinham seus escritos também publicados, foi possível quando seus discursos pareciam denunciar suas angústias, seus medos assim como preceitos éticos e morais que essas mulheres estavam submetidas, afinal o espaço que haviam conquistado ainda estava delimitado e preso em normas que certamente eram exigidas para ser seguidas por estas escritoras que estavam publicando seus artigos, em um campo ainda bastante ditado pelo masculino, uma vez que, a maioria dos artigos eram de autoria dos homens, fossem estes escritores, poetas ou cronistas, no entanto, diversos deles com discursos contraditórios e por vezes, seguindo uma retórica moralista, presa a conceitos e definições que tentavam limitar e fixar o feminino como algo acessório e complementar, nunca como assunto importante.

Identificar imagens femininas em suas próprias falas foi um exercício que nos rendeu a tarefa de aprender a trabalhar com a possibilidade de pensar que figuras de linguagem, como metáforas, falavam tanto quanto qualquer afirmação que tentasse fixar o feminino na esfera do privado, ou seja, o lar. Se havia um discurso moralista lembrando que as mulheres deveriam o

quanto antes estar preparada para assumir um matrimônio, conseqüentemente assumir responsabilidades com filhos e marido, havia dentro dos próprios textos femininos negação a este caminho como única opção de participar de uma vida pública. Nem todas as mulheres optavam por tal destino. Foi o que conferimos na figura da artista Fátima Miris, que parecia anunciar um novo modelo feminino. Mulheres já faziam parte de uma realidade cultural da cidade e já participavam dos eventos públicos não apenas na presença quase obrigatória de um cônjuge. Havia mulheres sozinhas e que já respondiam por seus atos.

Entre imagens do feminino foi possível identificarmos modelos de mulheres que aceitavam os apelos de um discurso moralista, que acenava e estava atento a todos os seus atos. Modelos de mulheres como a da “mãe cívica” sugerido em um dos poemas de autoria da poetisa Carolyn Wanderley pareciam responder a um apelo social que afirmava: as mulheres só seriam aceitas e louvadas quando assumissem a tripla função de mãe- esposa e dona de casa, e com isto assumisse também o papel de submissão e quase sempre demonstrassem a capacidade de renunciar as suas reais aspirações e sonhos, que em diversos momentos eram apagados silenciosamente.

Se os textos masculinos jogavam luzes sobre quando as mulheres assumiam o papel da mãe ordeira e higiênica, não tardavam para alertar que estas deveriam se diferenciar das prostitutas das vias públicas, fato este que vimos ilustrado nos discursos das escritoras Margareth Rago¹⁰² e Norma Telles¹⁰³, sensibilidades que nos ajudaram a entender e nos caminhos múltiplos desta pesquisa, nos encontrarmos. As prostitutas seriam a antítese de todo bem que as “mulheres morais” pudessem representar, com isso estas deveriam se diferenciar daquelas não apenas em hábitos, mas em falas, gestos e principalmente em atos. Nas páginas do *A República* as

¹⁰² RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar : a utopia da cidade disciplinar – Brasil 1890/1930*.p.61-79.

¹⁰³ TELLES, Norma. *Escritoras, Escritas e Escrituras*. In : PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. p.400-415.

prostitutas que certamente existiam nas ruas da cidade, eram ocultadas dos escritos publicados no citado jornal, em alguns momentos, sua existência ficava apenas sugerida. Se dentro de diversos momentos da nossa pesquisa identificamos nos escritos masculinos / femininos imagens e modelos de mulheres sugeridos, o mesmo parece que não aconteceu quando pensamos em imagens fotográficas do feminino publicadas no *A República*. Assim como analisamos, as poetisas eram mulheres de faces ocultas nas colunas que assinavam no citado jornal, ter suas faces captadas pela lente de uma câmera e publicadas nas edições do *A República*, foi possível apenas quando essas mulheres estavam ligadas a vida cultural e artística da cidade ou quando vinham de outros Estados, prestigiar a cidade com suas apresentações.

Fossem poetisas, escritoras, artistas ligadas ao canto, dança, teatro, cinemas enfim ligadas a vida pública, as mulheres apareciam nas colunas do *A República*. Se tiveram trechos de seus escritos moldados, talvez moldados não tiveram suas sensibilidades de inscreverem-se em cada verso dos seus poemas. Quem seria as mulheres que apareciam nas colunas do *A República*? Quais imagens os escritos femininos denunciavam? e quando pensamos os escritos masculinos, que definição traziam das mulheres. Talvez as mulheres que surgissem fossem as que possivelmente existiram, mulheres tecidas e moldadas por tabus que ainda estavam tão fortemente presentes na década de vinte. Quando definidas por sua própria ótica, mulheres com sensibilidades múltiplas e individuais e quando vista pela ótica masculino, mulheres imposta a terem sensibilidades e condutas fixadas no que o discurso moralista trazia como ideal: o “anjo do lar” que deveria permanecer na esfera do privado, mas a quem parecia que os diversos acontecimentos e a “metamorfose” de um novo século abria novas possibilidades, este “anjo do lar” parecia adquirir asas e voar, conhecendo novas formas de se ver e pensar o masculino / feminino.

FONTES

A REPÚBLICA, Natal, 04 out., – 29, dez. 1916.

A REPÚBLICA, Natal, 30 jan., - 25, abr. 1917.

A REPÚBLICA, Natal, 14 jan., - 08, nov, 1918.

A REPÚBLICA, Natal, 18 fev., - 30, jul, 1919.

A REPÚBLICA, Natal, 08 fev., - 24, nov. 1921.

A REPÚBLICA, Natal, 18 jun., 1922.

A REPÚBLICA, Natal, 01 jul., - 04. ago. 1923

A REPÚBLICA, Natal, 08 maio., – 08, jun. 1924.

A REPÚBLICA, Natal, 05 jan., 1925.

REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Natal. v .01, n.01. 2000.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino uma invenção do falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920 / 1940)* / Maceió : Edições Catavento,2003.
- ALBERT, P. , TERROU, F. *História da Imprensa*. São Paulo, Martins Fontes;1990.
- DEL PRIORE, Mary. História das mulheres. As vozes do silêncio . In : FREITAS, Marcos Cezar de. *Historiografia em perspectiva*. São Paulo : Contexto, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil , 1999.
- FALCI, Miridan Knox. Mulheres do Sertão Nordeste. In : PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2000.
- GRILLO, Maria Simonette Gadella. *Buscando a luz sobre Nísia Floresta Brasileira Augusta*. . Natal : Edições Climax, 1989.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In : PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed. São Paulo : Contexto, 2000.
- MALUF, Marina, MOTT, Lúcia Maria. Recônditos do mundo feminino. In : SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras. 1998.v.3.
- MARIZ, Marlene da Silva, SUASSUNA, Luiz Eduardo B. *História do Rio Grande do Norte*. Natal : Edições Nordeste, 2002.
- MASSI, Marina. *Vida de mulheres : Cotidiano e Imaginário* . Rio de Janeiro : Imago. 1992.
- PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões . A cultura sexual no Brasil contemporâneo*. 2 . ed. São Paulo. Best Seller, 1991.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História : operários, mulheres e prisioneiros* ;Rio de Janeiro, Paz e Terra , 1998.
- PERROT, Michelle. *História da vida privada 4 : da Revolução Francesa a Primeira Guerra*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991.
- PEREIRA, Flávia de Sá . *Chiclete eu misturo com banana : Carnaval e cotidiano de guerra em Natal [1920-1945]* : Campinas, Unicamp,2004 (Tese de Doutorado em História apresentada ao Dep. de Filosofia e Ciências Humanas).
- SILVA, Alômia Abrantes da. *As escritas femininas e os femininos inscritos – Imagens de mulheres na Imprensa Parahyba dos anos 20*. Recife : UFPE . 2000.(Dissertação apresentada ao

programa de pós- graduação em História da UFPE, como requisito parcial de mestre em História).

RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar : a utopia da cidade disciplinar : Brasil 1890 / 1930* / Rio de Janeiro : Paz e Terra , 1985.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas e Escrituras. In : PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo : Contexto. 2000.

WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Natal : Edições Fac- Similar: 1993.

WANDERLEY, Walter. *Família Wanderley – História e Genealogia* . Rio de Janeiro : Edições Pongetti : 1966.

ANEXOS



Fig. 1. A poetisa Palmyra Guimarães Wanderley
[REVISTA do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 2000]

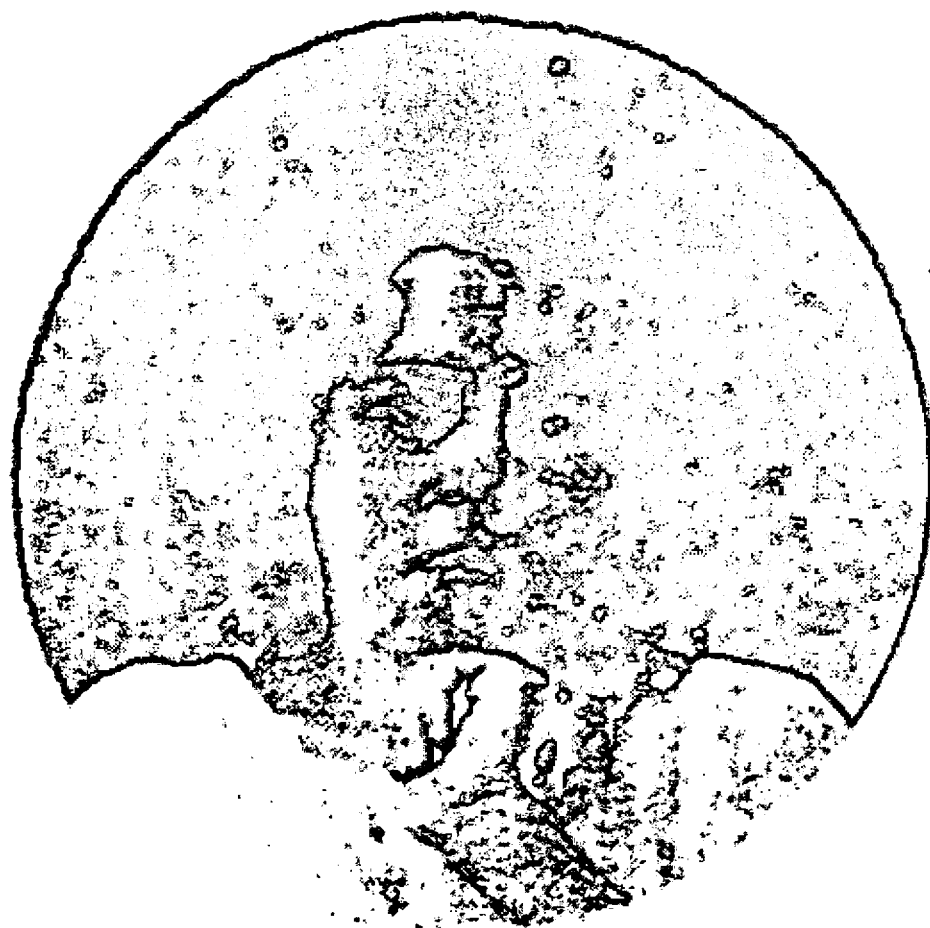


Fig. 2. A poetisa Maria Carolyna Wanderley
[De Ezequiel Wanderley, poetas do Rio Grande do Norte, 1993]